

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE JORNALISMO

GABRIEL FELIPE DOS SANTOS REIS

CONFESSIONÁRIO PÚBLICO

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA, IDENTIDADE E RELIGIÃO NO PROGRAMA “EXPERIÊNCIA
DE DEUS COM PADRE REGINALDO MANZOTTI”

UBERLÂNDIA - MG

2025

GABRIEL FELIPE DOS SANTOS REIS

CONFESSIONÁRIO PÚBLICO

**A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA, IDENTIDADE E RELIGIÃO NO PROGRAMA “EXPERIÊNCIA
DE DEUS COM PADRE REGINALDO MANZOTTI”**

Monografia apresentada no Curso de
Jornalismo na Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nicoli Glória De Tassis
Guedes

Uberlândia - MG
2025

GABRIEL FELIPE DOS SANTOS REIS

CONFESSIONÁRIO PÚBLICO

A RELAÇÃO ENTRE MÍDIA, IDENTIDADE E RELIGIÃO NO PROGRAMA “EXPERIÊNCIA DE DEUS COM PADRE REGINALDO MANZOTTI”

Monografia apresentada no Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nicoli Glória De Tassis Guedes

Uberlândia, 05 de maio de 2025.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Nicoli Glória de Tassis Guedes - UFMG

Orientadora

M.^a Renata Maria de Oliveira Neiva - UFJF

Examinadora

M.^a Amanda Milan Câmara Pinto - UFES

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Mesmo sem saber como agradecer, este trabalho é fruto de todas as pessoas que um dia olharam para mim e viram potencial nas mais variadas áreas da vida. Primeiramente, dedico não somente esta pesquisa mas toda a minha graduação à minha mãe Ione Maria dos Santos Reis, que mesmo sem que eu nunca tenha conseguido retribuir nem sequer um por cento de tudo o que ela fez por mim, ainda segue me apoiando, me olhando com olhos de admiração e sendo minha fã número um. Hoje, não existe lugar no mundo em que eu me sinta mais eu do que ao seu lado, que eu me sinta mais feliz, você é a casa para onde eu sempre quero retornar. Obrigado por ser uma mãe maravilhosa, a minha primeira amiga e uma inspiração exemplar. Serei feliz em um dia poder ser pelo menos um pouco da pessoa que você é para mim.

Agradeço também ao meu pai, Luciano Reis Santos, por ter sido o meu primeiro herói. Obrigado por continuar sendo um grande homem aos meus olhos, uma inspiração de persistência e de força para superar os obstáculos. Sem dúvidas, só cheguei até aqui pelo seu apoio constante e por acreditar nos meus sonhos.

Também preciso dedicar este trabalho à minha avó Maria das Dores Pereira dos Santos, que até o fim de sua vida foi a minha mais fiel ouvinte e que sempre leu a minha alma com apenas um olhar. Mesmo que a vida tenha nos separado, tenho a mais plena certeza de que continua me acompanhando por onde quer que eu vá. Espero que cada um dos meus passos seja abençoado por ti.

Quero também dedicar minha monografia ao meu avô Pedro Paulo dos Santos, com quem dei os meus primeiros passos, que nunca me disse não e que ria sobre eu nunca voltar para casa de mãos vazias. Espero que o senhor continue certo sobre isso.

Agradeço às minhas tias Ilma Lúcia dos Santos, Ivone Aparecida dos Santos e Izabel Cristina dos Santos por terem sido pilares essenciais em minha vida, contribuindo não somente para a minha educação mas para que eu tenha me tornado o homem que sou hoje. Que a vida sempre retribua a vocês tudo o que um dia fizeram e ainda fazem por mim.

Ainda dedico este trabalho às minhas irmãs Lara Gabriele dos Santos Reis, Letícia Nycolly dos Santos Reis e Vitória Emanuele dos Santos Cardoso, espero que vocês continuem crescendo e se tornando mulheres fortes, inspiradoras e cheias de sonhos.

Dedico também à minha prima Diulia Estéfane Santos Barbosa, por ser a minha eterna companheira, confidente e amiga. Como eu amo me ver em você. E também à minha prima Yara Beatriz Pereira dos Santos, dona de uma alegria contagiante e que é para mim como uma irmã.

Não menos importante, agradeço aos meus amigos Mikaela Marinho, Artur Sampaio, Gabriel Sarreta, Juan Lisboa, Estela Araújo, Giovanna Abelha, Felipe Braga, Julia

Vidotti e Vivian Menegucci por serem uma segunda família para mim. Tenho certeza de que nossa amizade é um encontro de almas.

Agradeço à jornalista Diélen Borges por ter visto tamanho potencial em mim. Você reconheceu o jornalista em mim quando nem eu mesmo sabia que podia sê-lo. Obrigado por ser uma das minhas maiores inspirações.

Por fim, ressalto a importância da professora Nicoli Tassis para que esta monografia exista. Você sem dúvidas é a base de tudo o que está escrito a seguir.

RESUMO

A presente monografia analisa as disputas identitárias em torno do “ser mulher” e as suas nuances sociais com base no programa “Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti”, transmitido diariamente no rádio e em outras mídias pela Rede Evangelizar. O programa reúne milhares de fiéis cotidianamente para um momento de oração e também convida as ouvintes para darem os seus depoimentos acerca de problemas vividos, milagres alcançados e, principalmente, a influência da Palavra de Deus em suas escolhas cotidianas, relacionamentos e visão de mundo. Dessa forma, tomamos esse quadro de conversa com as ouvintes como empiria emblemática para investigar a seguinte questão norteadora: “como o ‘ser mulher’ é materializado por meio da fala das ouvintes do programa Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti?”. Para isso, a pesquisa parte da análise de seis trechos selecionados com base no que foi disponibilizado no TikTok pelo perfil da própria Rede Evangelizar, nos quais é evidenciado o relato das ouvintes. Para discutir como identidade, religião e gênero se materializam por meio do discurso das ouvintes do programa, nos baseamos numa análise cultural, buscando observar os conceitos de hegemonia, valores residuais e emergentes (Williams, 2005). Além disso, a pesquisa também recorre às teorias de representação, identidade e gênero a partir de Butler (2003), Hall (2006) e outros autores. Buscamos, assim, discutir a importância da relação entre mídia e religião para a conformação de identidades, apontando os limites e as potencialidades para a constituição do que é “ser mulher” na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Identidade; Gênero; Mídia; Religião; Experiência de Deus.

ABSTRACT

This monograph analyzes identity disputes surrounding the notion of “being a woman” and its social nuances, based on the radio program *Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti* (“Experience of God with Father Reginaldo Manzotti”), broadcast daily on the radio and other media by Rede Evangelizar. The program gathers thousands of faithful listeners every day for a moment of prayer and also invites female listeners to share testimonies about personal struggles, miracles received, and, most importantly, the influence of the Word of God on their daily choices, relationships, and worldview. Thus, we take this segment of conversations with the audience as an emblematic empirical foundation to investigate the following guiding question: “How is the notion of ‘being a woman’ materialized through the speech of the listeners of the program *Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti*?”. To do so, the research analyzes six selected excerpts from content shared on TikTok by the official Rede Evangelizar profile, in which the listeners' testimonies are highlighted. To discuss how identity, religion, and gender are materialized through the discourse of the program's listeners, we rely on a cultural analysis, focusing on the concepts of hegemony, residual values, and emerging values (Williams, 2005). Furthermore, the research draws on theories of representation, identity, and gender based on Butler (2003), Hall (2006), among other authors. Our aim is to explore the importance of the relationship between media and religion in shaping identities, pointing to both the limitations and the possibilities for the constitution of what it means to “be a woman” in contemporary Brazilian society.

Keywords: Identity; Gender; Media; Religion; Experience of God.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O SAGRADO E O PROFANO.....	14
2.1 “Experiência de Deus”	15
2.2 Eu sou, você é, nós somos.....	19
3. SANTAS, FEITICEIRAS, LOUCAS, MULHERES E FILHAS DE DEUS.....	23
3.1 O ser ‘não-homem’	23
3.2 Em meio ao chiado do rádio, Filhas de Deus.....	28
4. O SER MULHER.....	34
4.1 Kelly.....	38
4.2 Valdênia.....	41
4.3 Anonimato.....	43
4.4 Eliane.....	47
4.5 Oclaíde.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Há alguns meses, esta pesquisa nasceu de uma dúvida em particular que foi se tornando cada vez maior dentro de mim: afinal, até onde a religião e suas crenças influenciam nossas decisões, desde as mais complexas até as mais banais? Para alguém que cresceu em um lar dominado pelo catolicismo, certas óticas lançadas sobre o mundo eram tomadas como uma verdade inquestionável. Deus era inquestionável e agir para agradá-lo era uma meta básica para guiar aquela criança que um dia fui. Ao longo da vida, pude observar das mais diversas maneiras como as pessoas lidavam com a fé. Lembro como se fosse ontem quando em momentos de desespero pessoas pediam para que minhas orações se unissem às suas. Lembro também de famílias inteiras que se juntavam para rezar o rosário. Lembro de uma mulher que se perdia em pensamentos ao ouvir o padre no rádio. Lembro dos olhos esperançosos de uma velha senhora que me dizia para confiar a Deus todos os meus sonhos e que um dia eles iriam se realizar. Assim, mesmo muito antes de me tornar um estudante de jornalista e aspirante a pesquisador, me sinto como um espectador das relações entre mídia, religião e identidade e é por isso que essa é a discussão do capítulo que abre este trabalho.

Assim como é dito pelos próprios líderes religiosos, a Bíblia é um livro escrito num espaço de 1500 anos, por 40 autores homens diferentes, sendo como toda obra dependente da interpretação do leitor para que assim possa fazer sentido. Nada ali é totalmente claro, pois dialoga com muitos tempos, espaços e matrizes culturais distintas. Talvez, também por isso, milhares de pessoas encontrem em padres, pastores e clérigos as figuras ideais para lhes ajudarem no árduo caminho pela fé. Nessa dinâmica, os ensinamentos religiosos passam a compor não somente os aspectos do transcendente, mas também os processos sociais, relacionais e individuais dos sujeitos. Modos de vestir são adaptados, maneiras de se comportar são criadas e formas de ver o mundo são completamente transformadas pela fé. Esse processo diz não só do que fazemos, mas, de quem somos ou desejamos ser, portanto, definido por Stuart Hall (2006) como “identidade”. No sujeito pós-moderno, tal processo identitário acontece de modo dinâmico e fluido, que se desenvolve à medida que ele interage com a cultura, os costumes e o contexto social no qual ele está inserido.

No Brasil, enquanto um país moldado principalmente pelo catolicismo desde que os portugueses chegaram nas terras consideradas por eles “formadas por um povo em que tudo poderia ser impresso se assim o rei de Portugal quisesse”, não à toa podemos

observar como a religião foi usada de base, inclusive, para a sua constituição. Assim como será abordado nos capítulos que se seguem, os mandamentos cristãos foram incorporados de tal modo na sociedade que, muitas vezes, alguns de seus conceitos são usados como agravantes de crimes, como acontece com o homicídio, por exemplo, em que sua pena é agravada se for cometida contra o pai ou a mãe. Logo, muito mais do que uma dentre várias formas de ver o mundo, a fé atua como uma lente interpretativa da própria realidade, guiando valores, práticas, saberes e relações. Não obstante, trataremos de fieis que mesmo em situações traumatizantes, ainda conseguem ver milagres em meio às desgraças cotidianas, como se pudessem ignorar as intempéries a sua volta tendo os olhos fixos no transcendente.

De maneira mais específica, no presente trabalho, as mulheres tornam-se protagonistas. Formadas em um mundo onde os homens são tidos como seres completos e elas o sujeito faltante (Beauvoir, 2009), as mulheres criam relações únicas com a fé, ao ter dores e anseios acolhidos. Ainda que a religiosidade - neste caso, mais especificamente, o catolicismo - possa por diversas vezes subjugar o feminino, como no princípio de manter o matrimônio (considerado um sacramento e, portanto, sagrado e impossível de se romper). Não à toa, ainda que acreditemos que a caça às bruxas foi deixada na Idade Média, assistimos todos os dias mulheres tendo sua vida ceifada em um “praça pública”, nos meios de comunicação e nas redes sociais, com mais um dentre tantas que permeiam as subnotificadas estatísticas da violência de gênero.

E seria ilusão pensar que a história iria se desculpar com suas mulheres. São elas que ao longo dos séculos foram empurradas para os ambientes periféricos de sua própria casa, negadas ao saber e concedidas somente ao servir (Perrot, 2008). São os inúmeros pontos que moldam o ‘ser mulher’ ao longo do tempo e que, por mais que o cenário atual seja de transformação, ainda existem resquícios que nem mesmo as mais fugazes pensadoras do século XX e XXI conseguiram barrar. Modos de ser, de se sentar à mesa, de se relacionar, agir com relação aos homens e o que deve ou não ser priorizado continuam habitando as diversas esferas sociais (Neiva, 2021). Esses são alguns dos ensinamentos básicos que uma menina pode receber em primeira mão e que são sistematicamente passados de mãe para as filhas ao longo dos tempos. Porém, essa herança carrega consigo muito mais do que séculos de subjugação. Há também um arcabouço de responsabilidades com o eu e com o outro. Essas questões estão longe de ser novas; já lhes foram dadas numerosas respostas, mas o simples fato de ser a mulher o outro contesta todas as explicações que os homens lhe puderam dar (Beauvoir, 2009).

Ressalto, então, como o “ser mulher” é extremamente complexo e o respeito que tenho de me aproximar de uma existência tão rica, sendo um pesquisador homem. Enquanto os homens por milênios desfrutaram da liberdade inerente ao seu sexo, as

mulheres são podadas como ervas daninhas. É nesse cenário, então, que o feminino passa a ser traspassado pelas profundas relações e influências da religião. Assim como dito anteriormente, muito mais do que crenças e cultos reservados aos templos sagrados, as religiões, principalmente o catolicismo, se expandem para os mais variados espaços da vida de seus fieis.

No momento em que escrevo esta pesquisa, por exemplo, vivemos no catolicismo um período conhecido como “Quaresma”, que remete aos 40 dias que Jesus passou em jejum e oração no deserto, enquanto era tentado pelo diabo. Nesse período, os praticantes do catolicismo devem escolher uma penitência. Enquanto no passado os católicos colocavam como penitência a prática do não consumo da carne vermelha, dormir sem travesseiro ou acordar antes do sol todos os dias da Quaresma, hoje, não é difícil ver jovens que colocam o não consumo de redes sociais online como penitência. O fato que para muitos pode parecer estranho, diferente ou até engraçado, é bastante sério para os católicos. Nesse sentido, é interessante ainda observar como essa transformação das penitências evidencia também como as mídias influenciam a vida das pessoas de tal maneira, que ficar 40 dias sem elas pode ser visto como uma penitência, um verdadeiro sacrifício.

O que temos, portanto, na atualidade, é uma união de duas das principais coisas que têm influenciado a vida dos seres humanos no último século: a confluência, cada vez mais estreita, entre a mídia e a religião, conforme abordaremos com mais detalhes ao longo deste trabalho. Enquanto uma delas tem uma presença quase que durante toda a história da humanidade, desde que os gregos cultuavam os elementos da natureza; a outra é mais recente, contudo, com um potencial maciço de moldar a forma como as pessoas enxergam a sua própria realidade.

Não que não houvesse o que estudar: publicações religiosas impressas já existiam desde o século XVII, e o rádio foi usado como instrumento de divulgação religiosa a partir do início do século XX. Mas, como indica o pesquisador norte-americano Steven Bruce, foi a partir do surgimento dos “televangelistas” e dos programas religiosos na televisão que a academia voltou suas atenções para o tema. É a partir dos anos 1990, quando o campo religioso já está diretamente relacionado com a mídia, que se nota um aumento no número de pesquisas sobre o tema (Martino, 2010, p.14).

Leitores, lhes apresento então o “Experiência de Deus”, um programa radiofônico mas que hoje ganha nuances em diversas redes sociais, como o TikTok. Comandado pelo padre Reginaldo Manzotti, o programa diário reúne milhares de fieis cotidianamente para um momento de oração. Também convida para darem os seus depoimentos acerca de problemas vividos, milagres alcançados e, principalmente, a influência da palavra de Deus em suas vidas. De maneira mais específica, tendo em vista a multifatorialidade que abarca o

“ser mulher”, escolhi lançar enfoque sobre o feminino, a maior parte das participações ao vivo no programa, e analisar como as questões narradas no programa remontam as dinâmicas hegemônicas contemporâneas do feminino em sociedade, com suas possibilidades de ruptura e transformação.

A presente pesquisa, portanto, é dividida em uma introdução, dois capítulos teórico-metodológicos e um capítulo metodológico-analítico, seguido pelas considerações finais e referências bibliográficas. No primeiro capítulo teórico intitulado “O sagrado e o profano”, historicizamos brevemente a relação entre mídia e religião, seguido da contextualização do fenômeno do rádio e sua relação singular com a religião, o que culminou no surgimento do ‘Experiência de Deus’ e suas ouvintes. Em ambos os momentos, o enfoque será o “ser mulher” e sua materialização no programa por meio da fala dessas mulheres que se colocam no confessionário público do padre Reginaldo Manzotti. Além disso, no capítulo, faremos uma revisão bibliográfica dos conceitos norteadores da pesquisa, que são mídia, religião e identidades, levando em conta principalmente os autores Luis Mauro Sá Martino (2010), Butler (2003) e Hall (2006).

O capítulo seguinte intitulado “Santas, Feiticeiras, Loucas, Mulheres e Filhas de Deus” é o ponto central da pesquisa. Aqui, será aprofundado o conceito de gênero e, principalmente, o “ser mulher” e como as materialidades culturais formadas a partir da mídia e da religião influenciam seu modo de ser e agir em sociedade. Nessa parte da pesquisa, as diversas formas do feminino que surgem no confessionário aberto de Manzotti, ganham destaque na sua pluralidade e, principalmente, nas variadas questões que as atravessam por meio da religião e as movimentam a ocupar o espaço público proposto pelo padre através do rádio. Por fim, vamos focar o rádio enquanto mídia sonora, o seu desenvolvimento e o seu uso pela religião como forma de propagar os seus programas e adentrar na casa de inúmeros brasileiros são os tópicos centrais.

No quarto capítulo, vamos apresentar a metodologia de pesquisa que fundamenta a análise que seguirá no mesmo capítulo. Aqui, será aprofundado sobre o programa do Padre Reginaldo Manzotti e os debates colocados em pauta no momento de conversa proposto com as ouvintes que desejam expressar seus testemunhos e experiências de vida. A partir dos operadores metodológicos definidos para a pesquisa, buscaremos problematizar as formas do “ser mulher” que se materializam no quadro de perguntas e respostas, discutindo a partir desse recorte empírico a relação entre mídia, identidades e religião.

Por último, nas considerações finais, será apresentado as conclusões da pesquisa como forma de tentar responder à questão norteadora: “como o ‘ser mulher’ é materializado por meio da fala das ouvintes do programa Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti?”. Nessa parte, também serão retomados os principais conceitos que guiaram o trabalho, assim como sua contribuição. Ressalto ainda que tendo em vista os tópicos

apresentados anteriormente, a presente pesquisa tem como objetivo geral problematizar as vivências do “ser mulher” materializadas na participação das ouvintes no programa “Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti”, discutindo os tensionamentos das múltiplas identidades das mulheres em disputa na sociedade brasileira contemporânea.

Além disso, como objetivos específicos, busco identificar os temas que recorrentemente aparecem no discurso das ouvintes do programa; compreender os comportamentos que marcam o “ser mulher” na sociedade brasileira a partir da fala das ouvintes; explorar as relações que surgem entre as experiências do “ser mulher” apresentadas pelas ouvintes e a religiosidade; e compreender os processos de mediações entre religiosidade e as mídias. A partir desse ponto abandono a primeira pessoa do singular, mas ainda continuo falando de maneira próxima sobre o tema que, ainda neste momento de escrita, me enche de dúvidas, curiosidades e muita alegria em estudar.

2 O SAGRADO E O PROFANO

A movimentação é sagrada, afinal, ocupar um lugar entre os ouvintes de um programa radiofônico que alcança inclusive ares estrangeiros na Inglaterra, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Angola, Paraguai, Bolívia e Uruguai, não é para qualquer um¹. Sendo retransmitindo em mais de 1600 emissoras², o programa “Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti” é singular no que se trata de mídia e religião. Sob o comando do Padre Reginaldo Manzotti, conhecido hoje como “o padre que arrasta multidões” por reunir mais de 5 milhões de fieis em suas mídias sociais³, o programa de rádio diário serve de confessionário público para inúmeros homens e mulheres de todas as partes do Brasil.

Assim como está escrito em sua descrição na lista de programação da rádio, o programa é focado em atender telespectadores que ligam em busca de aconselhamento e apresentar um emocionante momento de evangelização pelo padre que doa os seus sábios conselhos. E a hora é marcada, de segunda à sexta-feira, das 10h às 11h ou das 22h às 23h. Aqueles que desejam colocar suas questões diante do padre podem se preparar para ligar para o número anunciado. Já os outros, que querem apenas ouvir as bênçãos do dia, podem sintonizar na rádio local afiliada à Rede Evangelizar.

Em um dos lados do confessionário exposto está Manzotti, que se define como sacerdote, escritor, músico, compositor, cantor e apresentador de rádio e TV. O padre, que gabaritou os entremeios que demarcam a relação da mídia e da religião nos últimos anos, também é considerado um fenômeno editorial por vender mais de 6,3 milhões de exemplares das suas obras. Em 2022, lançou o seu 25º livro: “O Poder da Cura”. Na música, Reginaldo Manzotti foi indicado ao Grammy Latino com sua obra “Paz e Luz”.⁴

Do outro lado, a presente pesquisa lança luz sobre as mulheres ouvintes do programa ‘Experiência de Deus’, especialmente aquelas selecionadas pela própria Rádio Evangelizar e que ganharam repercussão em seu perfil no TikTok. Aqui, recebe destaque o relato de Eliane, residente em Medianeira (PR), em que ela conta ao Padre Reginaldo Manzotti sobre a sua infância em que foi abusada sexualmente pelo próprio tio e as dificuldades vividas com a mãe que era usuária de drogas. O relato da ouvinte Kelly, de Votuporanga (SP), em que ela dá seu testemunho sobre a cura de seu filho, após ter uma necrose no fêmur. A ouvinte Valdênia, do Rio de Janeiro (RJ), que conta ao padre sobre um “livramento” que ela passou por meio das fitas das santas chagas. O relato de Paula, de Vacaria (RS), em que ela diz viver em um relacionamento “tóxico” e não conseguir se

¹ Disponível em: <https://teveangelizar.com.br/personalidades/padre-reginaldo-manzotti/>. Acesso em: 05 out.2024

² Disponível em: <https://www.padrereginaldomanzotti.com.br/biografia/>. Acesso em: 05 out.2024

³ Disponível em: <https://www.padrereginaldomanzotti.com.br/biografia/>. Acesso em: 05 out.2024

⁴ Disponível em: <https://teveangelizar.com.br/personalidades/padre-reginaldo-manzotti/>. Acesso em: 05 out.2024

libertar do companheiro devido a uma dependência emocional. O relato de Oclaíde, do Itaquiraí (MS), em que ela diz que passou por uma infância difícil em que a mãe era agredida pelo pai e, inclusive, tentou matá-la. Por fim, será analisado o relato de uma mulher de Jaboticabal (SP), que prefere não se identificar, e conta que se sente tentada a trair o marido por uma suposta força maior que a atrai para um outro homem.

Tendo em vista os objetos selecionados para análise no programa em questão, o enfoque é dado principalmente nas ouvintes mulheres, o que o torna uma empiria emblemática para problematizar os multi-contextos que constroem, atravessam e disputam o “ser mulher” na sociedade brasileira contemporânea. Assim, programas como este apontam para um desabafo que é, ao mesmo tempo, individual e coletivo, pois, ainda que materialize temores, dúvidas e situações de foro íntimo, também age como uma forma de conexão com milhares de outras ouvintes, que parecem se identificar com esses relatos e buscar neles, em maior ou menor grau, modos de vida que sejam mais alteros também para si. Para isso, no presente capítulo, vamos voltar no tempo, a partir da formação religiosa, especialmente do catolicismo e passar pelo desenvolvimento das mídias e suas mediações, enquanto fazemos um paralelo com as formações identitárias das mulheres.

2.1 “Experiência de Deus”

Quando a sola das botas portuguesas pela primeira vez tocaram a praia de Porto Seguro e viram os indígenas que ali viviam, Pero Vaz de Caminha talvez tenha primeiro impresso naqueles homens e mulheres sua visão de um futuro católico.

Esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar. E o que mais há de aproveitar nisso, me parece que será começar com eles mandando vir aqui homens bons, que entre eles vivam e os façam conhecer nossa santa fé, porque assim conhecerão melhor e mais facilmente, que outra coisa qualquer que lhes pudesse fazer servir⁵.

Ao dizer ao rei de Portugal que tudo neles poderiam ser impresso, se assim o rei quisesse, Caminha tece os primeiros fios do que formaria a grande colcha de retalhos das brasilidades nos anos seguintes. O que começou em 1500, chegou em 2010 em uma representação do Censo Demográfico daquele ano num dado que mostra que 64,4% dos brasileiros se definia como pertencentes à religião católica. O número se torna ainda mais surpreendente quando nos damos conta de que ele reflete 123 milhões de brasileiros na

⁵ Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 22 set. 2024

época⁶. O dado, por sua vez, é importante não somente para descrever a crença dos brasileiros em determinada divindade, mas também para evidenciar a fé dominante que foi incorporada por essa população em seu cotidiano, determinando modos de ser, pensar e agir.

Ao abrir o livro sagrado dos católicos — mais especificamente no Livro de Êxodo, capítulo 20 — podemos nos deparar com um emblemático momento. Certo dia, quando trovões, relâmpagos, uma espessa nuvem e o som de uma trombeta tomou conta da região próxima ao Monte Sinai, Deus convidou Moisés a subir até o monte e se encontrar com ele. No local, assim como consta na Bíblia, o Criador deu a Moisés as tábuas onde estavam escritos 10 mandamentos para que ele instrísse o povo de Israel. Nas tábuas, se dizia: 1- Não terás outros deuses além de mim, 2- Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, 3- Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão, 4- Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias, e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus, 5- Honra teu pai e tua mãe, para que tenhas uma longa vida na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá, 6- Não matarás, 7- Não adulterarás, 8- Não furtarás, 9- Não darás falso testemunho contra o teu próximo, 10- Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo ou serva, nem o seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

Para além da fé, mesmo vivendo em um país de Estado considerado laico, a história que diz sobre os 10 mandamentos entregues por Deus à Moisés foram incorporados de tal modo em sociedade que ainda hoje podemos observar sua influência em diversas áreas da vida, contribuindo, inclusive, para a manutenção da ordem. Um exemplo disso é que assim como é dito no 6º e 8º mandamentos, no âmbito jurídico, furto e assassinato são crimes previstos na Constituição Brasileira de 1988. Logo, ainda que possa ser usada de maneira distorcida ou até mesmo aplicada em comunidade para fortalecer discursos preconceituosos, os ideais cristãos possuem um papel importante na formação e instauração do ser humano enquanto um ser eminentemente relacional.

A religião interessa para as Ciências Sociais – e para a Comunicação – por sua importância como fenômeno social, não como fenômeno religioso. A realidade em si dos fenômenos religiosos, das crenças e divindades, disputadas sobre questões doutrinárias, sobre o certo e o errado das religiões em si não são o objeto da pesquisa nas Ciências Sociais. A religião se torna um tema

⁶ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao#:~:text=Em%202010%2C%20chegaram%20a%2022,64%2C6%25%20em%202010>. Acesso em: 10 de nov. 2024

de interesse porque essas crenças estão ligadas ao modo como indivíduos, comunidades e sociedades vivem e se relacionam uns com os outros (Martino, 2010, p.14).

Pode ser que neste momento, em alguma parte do mundo, exista alguém que está de joelhos, com um rosário nas mãos e pedindo a Deus ou a algum santo de sua devoção para que os seus pecados mais profundos sejam perdoados e que seu lugar no paraíso esteja garantido. Esse lugar, perdido de acordo com a fé católica pelo primeiro homem e pela primeira mulher do mundo ao ousarem experimentar do fruto proibido (Gênesis, capítulo 3), ainda hoje é motivo para que milhares de fieis que creem em sua existência, moldem suas ações cotidianas para garantir um lugar no céu.

O ato, mesmo que possa parecer banal, reforça o que foi identificado em vários estudos sobre religião do sociólogo Bryan S. Turner. Para ele, cenas como essa indicam que o controle sobre o corpo foi sempre um dos principais objetos de preocupação de muitas religiões. No cristianismo, por exemplo, a regulação do corpo, tanto dos religiosos quanto dos fieis, é ainda entendida, muitas vezes, como um caminho para a salvação da alma. Em outras perspectivas, são um modo de externar a adesão a determinada comunidade de fé e, conseqüentemente, ao seu modo preferencial de viver e de se relacionar, não apenas com a divindade, mas também consigo mesmo e uns com os outros.

Um exemplo disso é quando nos voltamos para a noção de certa moralidade ligada à vestimenta, e relembramos aquele primeiro momento de contato entre portugueses e indígenas na praia de Porto Seguro. Ali, percebemos que uma das emblemáticas mudanças que ocorreram entre as tribos após o início da catequização instaurada pelos estrangeiros foi a noção das “vergonhas”.

A definição do que uma pessoa pode ou não fazer, muitas vezes está ligada à definição dos usos, atitudes e aparências do corpo. A base disso varia conforme a religião: podem ser as recomendações de um livro sagrado – a Bíblia, por exemplo, traz várias indicações sobre como se vestir, e as interpretações podem variar ao infinito – de seu fundador, de uma tradição ou de qualquer outra forma de autoridade reconhecida a partir da qual os usos do corpo serão regulamentados (Martino, 2010, pg.83).

A noção de “vergonha” em relação à nudez entre os povos indígenas do Brasil, como ressaltado por Darcy Ribeiro em sua obra “O Povo Brasileiro”, é um fenômeno complexo que envolve mudanças culturais impostas pelo contato com os colonizadores portugueses. Antes da chegada dos europeus, muitas tribos indígenas viviam em sociedades onde a nudez parcial ou total era comum e não carregava a conotação de pudor ou vergonha associada à moral cristã europeia.

Contudo, com a colonização, os missionários e colonizadores impuseram valores culturais e religiosos que consideravam a nudez como algo pecaminoso ou imoral. A catequização promovida pelos jesuítas, por exemplo, incentivava o uso de roupas como sinal de civilização e moralidade cristã. Essa influência, portanto, levou muitas comunidades indígenas a adotarem vestimentas e a internalizarem a ideia de que a nudez deveria ser coberta, associando-a a sentimentos de vergonha, muitas vezes, para evitar represálias ou discriminação. Esses ideais construídos pela religiosidade católica não ficaram restritos às roupas. Eles se estenderam para os diversos campos da vida social e privada, de modo que a religião se tornou reguladora do corpo, da mente e dos olhos, como aconteceu, por exemplo, com o universo jurídico ainda hoje implementado em sociedade e já citado anteriormente.

Como é dito por Luis Mauro Sá Martino, em suas diversas obras sobre mídia, identidade e religião, a disciplinarização do olhar é um dos elementos fundamentais dos modos de vigilância contemporâneos. Assim, a recomendação a respeito do que ver ou não ver, vai além de simplesmente deixar ou não uma parte do corpo à mostra, mas está relacionada com todo um discurso sobre o comportamento entendido como correto. Por outro lado, é preciso considerar que para além do efeito de regulação dos corpos, o modo como nos vestimos é parte tanto da expressão das nossas individualidades, como do nosso desejo de nos integrarmos a certo grupo, comunicando parte de quem somos e como gostaríamos de sermos visto pelo outro.

Desse modo, os ideais reforçados pela religiosidade, neste caso, pensando principalmente as raízes do cristianismo, ultrapassam o foro íntimo e vazam para o espaço social, de maneira que o sujeito que se regula de determinada forma pela justificativa da fé espera que o outro, independente de sua crença, também o faça, acarretando, muitas vezes em violências simbólicas e materiais. Assim, ainda que a religiosidade haja como uma importante instituição para a manutenção de uma consciência de certo e errado, ela também pode ser uma impulsionadora de problemas sociais que hoje apresentam-se de maneira enraizada.

Quando alguém, em nome de sua fé, adota um estilo de vida, traz voluntária ou involuntariamente essa questão para o espaço público – afinal, a escolha de um modo de vida é também a escolha a respeito de como será a atitude em relação às outras pessoas. E, por conta disso, a religião se torna um vetor importante nesse espaço, seja buscando garantir seus direitos, seja afirmando seus valores em relação a outras crenças e modos de ver o mundo (Martino, 2010, p.58).

É importante então ressaltar que o problema evidenciado não diz respeito às escolhas individuais de aderir a certa prática religiosa ou modo de expressão, mas, ao

contexto de violências que podem se desenrolar quando essa adesão passa a ser movida não mais como uma expressão genuína de religiosidade ou liberdade pessoal, mas pelas convenções que negam ou menosprezam outras formas de vida. Portanto, quando falamos de religião, também tocamos em pontos que tratam da identidade dos indivíduos, sobre quem essas pessoas querem ser, como elas se enxergam e, principalmente, como elas enxergam e convivem com o outro. Logo, os discursos de identidade, em geral, também são discursos de diferença, estabelecendo dentro de seus critérios o que é igual e o que é estranho. Essa definição, aparentemente simples, pode ter consequências graves quando levada a extremos, momentos em que a definição da diferença dá lugar à classificação do diferente como negativo.

2.2 Eu sou, você é, nós somos

“Quem é você?” - o *frenesi* provocado com uma pergunta aparentemente tão simples, pode ser inigualável a qualquer outro sentimento. Alguns têm a resposta na ponta da língua; outros vagueiam com adjetivos genéricos e não chegam a lugar algum. De um lado ou de outro, a pergunta evoca um exercício discursivo que é, no mínimo, interessante. Ao responder quem se é, o sujeito não só busca e vagueia em sua mente pelas palavras, conceitos ou expressões que o melhor caracterizam, mas também expressa através da fala, da escrita ou qualquer outro meio comunicativo, o seu arcabouço social, cultural, político e até religioso, que o levaram ao momento da pergunta inebriante.

Assim como evidenciado por Martino (2010, p.7), o discurso identitário é formado por um jogo daquilo que o sujeito escolhe mostrar sobre si e aquilo que ele prefere ocultar. De qualquer forma, como ressaltado pelo estudioso, o discurso da identidade comunica a representação que o indivíduo tem ou considera desejável/adequado dele próprio.

Seja como for, essas narrativas vão construindo nossa imagem na mente do interlocutor. Não só o que dizemos, mas também a maneira como isso é falado sem mencionar gestos, roupas e outros sinais que auxiliam a outra pessoa, literalmente, a nos construir. A identidade nesse ponto aparece como um problema de comunicação (Martino, 2010, p. 7).

O discurso, porém, não é produzido por acaso. “Maria” não acordou um dia e se definiu como cristã, católica, devota de Santa Terezinha ou até mesmo ouvinte de um programa de rádio comandado por um padre. Todas essas características que ela pode escolher como definição de si são formadas por meio de um longo, complexo e, por vezes, contraditório e disputado processo de amadurecimento social. A ideia principal é a de que a

identidade de alguém, de um grupo ou mesmo de um povo passam por relações de comunicação que são estabelecidas interna e externamente. Desse modo, é a partir desses processos, os quais são criados e disseminados nas narrativas e discursos, que permitem às pessoas se reconhecerem como parte de alguma coisa, como “iguais” a determinado grupo e “diferentes” tantos outros.

Ao longo da vida, então, o sujeito passa por uma formação identitária que, assim como citado por Raymond Williams, é um processo produtivo, tanto cultural quanto social. Quando o indivíduo se identifica com um grupo religioso, ele está, portanto, comprometido a compartilhar sua narrativa a respeito do mundo, seus valores, suas concepções – seu enquadramento. É possível esperar, desse modo, que os quadros institucionais de interpretação do mundo se articulem com os enquadramentos próprios do indivíduo (Martino, 2010, p.122)

A teoria do enquadramento, em sua concepção inicial, explica que, ao se ver em uma situação qualquer, o sentido atribuído a ela depende dos “quadros de sentido” utilizados. Diante de qualquer acontecimento ou situação do cotidiano, a primeira preocupação de uma pessoa é entender o que está acontecendo. Isso significa, literalmente, enquadrar a realidade nas referências que tenho para torná-la compreensível. Em geral, no cotidiano, não nos damos conta desse processo devido à rapidez com que ele acontece – e também porque muitas situações com as quais lidamos não mudam totalmente de um momento para outro (Martino, 2010, p. 122).

Desse modo, a religião, por sua vez, está tão entranhada no indivíduo que é impossível separá-la de suas decisões, das mais complexas às mais banais. Logo, se me defino, a partir da Umbanda, como Filho de Santo, ou vinculado a um Orixá, ou se minha identidade é pensada, em termos evangélicos como “uma pessoa de Deus”, essa representação não se resume ao modo como me vejo, mas como entendo os outros também (Martino, 2010, p.101). Assim, ao dizer que sua identidade é marcada por uma religião, o sujeito não apenas se refere a dogmas, orações ou qualquer atitude sacral, mas também diz a partir de qual olhar historicamente fundado ele deseja ser visto.

Ao fazer isso, estou definindo quem são os outros. A posição em que me coloco, ou melhor, onde acho que estou, também posiciona os outros em relação a mim, e disso depende, ainda que parcialmente, o modo como vou tratá-los e como espero ser tratado por eles, especialmente no ambiente público. (Martino, 2010, p.101)

Portanto, é importante ressaltar que assim como o discurso que proferimos não tem origem em nós e sim é apenas uma reprodução daquilo que é passado de geração em geração, quando alguém se apresenta identitariamente como cristão, judeu ou umbandista,

um arcabouço de memórias, visões de mundo e interpretação social são imediatamente evocados.

“Ter” uma religião, no sentido comum da palavra, significa também pertencer a uma comunidade, isto é, ser reconhecido como membro de um grupo – e “fazer parte”, “sentir-se parte” de uma comunidade, “ter algo em comum”, é um marcador importante para a definição política de alguém. (Martino, 2010, p.102)

É assim então que a identidade e a religião se encontram em um dilema social. O sujeito católico, por exemplo, está o tempo todo enquadrando o mundo no qual está inserido dentro de suas crenças, preceitos e seus determinantes de certo e errado. O ser cristão só é porque um dia a religião já foi e continua até os dias de hoje se moldando aos novos costumes e impondo seus dogmas e maneiras de ser e pensar no mundo. A religião e a identidade, nesse aspecto, se apresentam como uma totalidade que pode se tornar problemática, nos casos em que leva à subjugação e controle do outro. Eles se entrelaçam e compõem uma raiz extensa, firme e entranhada nos indivíduos. Não só hoje, como nos mais diversos momentos históricos, pessoas sendo religiosas ou não, são influenciadas pela cosmovisão do mundo ofertada pelas religiões predominantes em seu tempo, ainda que possam não ter consciência disso.

Por que você entrega ovos de Páscoa para seus sobrinhos? Por que você comemora o Natal? Por que você pede benção aos seus avós? Esses e outros costumes só persistem devido à sólida relação da religião e da identidade, de modo que, por isso, é impossível pensar um sem o outro. Assim, em uma sociedade brasileira composta por 86.8% da população que se diz cristã - quase nove em cada 10 brasileiros, de acordo com o Censo de 2010 - não é difícil vislumbrar um universo social e particular onde a religião ganhe nuances que vão além da ritualidade da religião⁷. Nesse cenário identitário, o sacral influencia modos de vestir, dietas alimentares, o próprio jurídico nacional, relacionamentos, tomadas de decisões, vocabulário e a midiaticização.

É nesse aspecto que surge um enorme grupo de mulheres que não se constroem em assumir uma posição exposta no confessionário aberto de Reginaldo Manzotti. A partir de sua formação católica, e daquilo que elas internalizaram como posturas corretas ou não ao longo da vida, as ouvintes do programa “Experiência de Deus” transparecem por meio de sua fala, dilemas cotidianos e as interpretações que elas têm deles. Elas buscam na figura do padre o reforço ou a repreensão necessária para que elas tomem alguma decisão com base em seus valores sacrais.

⁷ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao#:~:text=Em%202010%2C%20chegaram%20a%2022,64%2C6%25%20em%202010>. Acesso em: 10 de nov. 2024.

Só no presente trabalho, foram seis histórias selecionadas com base na repercussão feita pela rede responsável pelo programa no TikTok. Ao longo dos relatos, que muitas vezes começam com um pedido de oração, não é difícil que o ouvinte se surpreenda com histórias da vida cotidiana que evidenciam uma face sombria da sociedade desigual e violenta que ronda o nosso país. São relatos das mais diversas violências, abusos sexuais, psicológicos e, inclusive, tabus que insistem em colocar mulheres em uma posição de pecado, de modo que apenas a benção e o perdão sacral na figura do padre podem libertá-las das correntes invisíveis do desgosto divino. Em uma outra face, os relatos ressaltam também como a religião e a identidade são tão entranhados no discurso e na postura humana, que mesmo em posição de pecado, é possível encontrar na voz de um sacerdote a salvação santa.

Mas afinal, o que move esse grupo feminino que se mostra majoritário na dependência da salvação divina? Como mídia, religião e identidade impulsionam essas mulheres até o confessionário de Manzotti? Seria um apelo do “segundo sexo”, pela busca do transcendente e pelo espaço possível para assumir-se enquanto sujeito, como citado por Simone de Beauvoir? Continuemos essa prosa no próximo capítulo.

3. SANTAS, FEITICEIRAS, LOUCAS, MULHERES E FILHAS DE DEUS

De acordo com a narrativa de Gênesis (capítulo 1), o primeiro livro da Bíblia e também da Torá (obras sagradas para o cristianismo e o judaísmo, respectivamente), no início tudo era escuridão e silêncio. Foi então que Deus de maneira sublime rompeu o nada e disse “Faça-se a luz” e o que antes era tomado pelo breu, se viu iluminado pela primeira vez. No momento seguinte, em sua majestade onipotente, o mesmo Deus viu que a luz era boa e decidiu separar a luz e as trevas e, assim criou o que hoje chamamos de dia e de noite. Tempos depois, já tendo criado o homem, Deus fez com que nele caísse um sono profundo, de modo que enquanto estava adormecido, retirou uma de suas costelas e formou a mulher.

Esta mesma mulher, que um dia foi formada pelas mãos do Criador, quando ousou comer o fruto do conhecimento, passou a ser descrita pelos contadores da história da origem do mundo pelos olhos da religião, como feiticeiras, loucas e merecedoras do fogo da inquisição. Nessa perspectiva, somente através das chamas poderia-se corroer os seus pecados inatos e libertar os outros da sua influência mordaz. Aristóteles, por sua vez, ao remontar a criação, não se poupa a dizer que enquanto a luz e a ordem representavam o homem, a escuridão e o caos seriam a mulher. “Há um princípio bom que criou a luz, a ordem e o homem, e há um princípio mau que criou o caos, as trevas e as mulheres” (Beauvoir, 2009, p. 126).

Porém, como é atestado por François Poullain de la Barre, tudo que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser colocado sob suspeita. Uma vez que eles são, a um só tempo, juiz e parte. Desse modo, o presente capítulo se dedica a falar das mulheres, reconhecendo o duplo desafio enquanto homem e pesquisador de me aproximar de modo mais complexo e respeitoso dessa discussão. Assumo a dificuldade e até a suspeita que me cercam ao investigar aquelas que Beauvoir ressaltou não terem história e que foram feitas acreditar que a opressão feminina sempre esteve presente na humanidade. daquelas colocadas como “o outro”, o “segundo sexo”, as bruxas que precisam serem caçadas. Afinal, não se nasce mulher, torna-se mulher. E como se torna? Sigamos nas próximas páginas nos embatendo com essa questão.

3.1 O ser ‘não-homem’

Em uma visão Androcêntrica, o homem criou o mundo. Eles, dotados de força e virilidade, detentores naturais da arte da guerra, se auto proclamaram senhores desta Terra. Como donos e criadores do mundo, apenas o “ser homem” é essencial, digno de sua história e encarregado também de narrar como seria a vida dos “não-homens”. Essa

construção de identidade, em que o homem é visto como o ser humano universal e a mulher como uma exceção ou um "não-homem", é central na análise de Simone de Beauvoir em "O Segundo Sexo". A autora ressalta como a mulher foi historicamente colocada em uma posição subalterna, sendo definida pela negação e como a humanidade foi pensada a partir da perspectiva masculina. O "ser mulher", portanto, é reduzido à condição de "não-homem", alguém que não alcança o status pleno de sujeito ou ser humano universal, mas sim o "outro" que está sempre à margem.

Portanto, para falar dessas pessoas reduzidas a coadjuvantes de sua própria história, é importante dizer que um conceito do que define o "ser mulher" e sua postura perante a sociedade, sempre esteve presente de um modo ou de outro na história contada pelos homens. Na antiguidade e na Idade Média, por exemplo, assim como ressaltado por Platão na obra "A República" (2006), em "O Mito da Caverna", acreditava-se os ideais eram baseados em uma essência, ou seja, em uma verdade, de modo que "o que a visão nos mostra são apenas sombras e imagens das coisas e portanto a verdade está no mundo das ideias". Desse modo, com o desenvolvimento do cristianismo, a sociedade foi levada a crer que, uma vez que Deus havia criado o homem a partir do barro e a mulher a partir da costela do homem, havia portanto uma verdade para a essência do homem e uma para a mulher. Logo, todos os homens que vieram após o ideal mítico de Adão remontariam a sua essência original e todas as mulheres, por sua vez, deveriam corresponder a essência de Eva.

Mas afinal, do que se trata essa essência? Será ela que determinou que aos homens estava reservado a arte da guerra e às mulheres o cuidado da casa e dos filhos? Ou que ainda hoje coloca o masculino como o ápice da criação divina e sujeitou o "ser mulher" como o outro, o "não-homem"? Com o renascimento, os pensadores darwinistas passaram a negar o ideal de essência, uma vez que para eles as coisas que existem no mundo não são, apenas estão sendo. É nesta mesma época, em que Jean Paul Sartre diz que "a existência precede a essência", de modo que o homem primeiro existe e, conforme produz a sua existência no mundo, a essência será enfim formada. Ou seja, os homens são livres para se criar.

O que queremos dizer com isso? Queremos dizer que o homem primeiro existe, se descobre, surge no mundo e só depois se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Ele só será alguma coisa depois e será tal como ele mesmo se fizer (Sartre, 1997, p.3.).

Contudo, mesmo que os homens, enquanto seres humanos, sejam livres para se criar, com as mulheres não ocorre o mesmo. Como ressaltado por Beauvoir no primeiro volume de "O Segundo Sexo", diversos fatores fizeram com que as mulheres fossem

subordinadas aos homens ao longo da história, de modo que ao serem reduzidas ao seres não-homens, sua própria existência se tornou invisível. Logo, dotados igualmente de cerca de 37,2 trilhões de células e 86 bilhões de neurônios, o ser humano, homem e mulher, é bastante semelhante. E, mesmo que haja de fato uma natureza feminina, biologicamente, não há uma única justificativa que favoreça a subordinação das mulheres.

A ciência biológica não pode justificar a subordinação das mulheres, pois as diferenças sexuais não são determinantes para a estrutura social. A mulher é submissa, não porque sua biologia a tenha destinado a esse papel, mas porque foi culturalmente imposta a ela a posição de 'Outra' (Beauvoir, 2009, p. 126).

Desse modo, já que a biologia não é suficiente para remontar a história das mulheres, assim como Beauvoir, iremos neste capítulo analisar como as primeiras experiências vividas moldam a existência das mulheres, destacando que a construção da identidade feminina não é apenas biológica, mas social e cultural.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a figura que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Beauvoir, 2009, p.267).

Cruzar as pernas, estar sempre limpa, não gritar, conter suas animosidades, servir e se possível, ter um bom marido. Não é difícil pensar em “mandamentos” do mundo feminino. Mesmo os homens, passam a vida sendo espectadores dessas normas que são repetidas desde o berço para as meninas. Do outro lado, a construção da feminilidade é um processo constante, doloroso na maioria dos casos, e altamente mutável à sociedade no qual está inserida. O “ser mulher”, desde a infância, descobre e experimenta seu corpo como algo dado aos outros, como um objeto que deve ser belo e agradável ao olhar masculino. Aprende desde cedo que sua aparência define seu valor. E assim como um produto exposto em uma prateleira, ele deve ser útil para quem o adquire (Perrot, 2021; Neiva, 2021).

E é desde as atividades mais banais da infância que estes mandamentos do ser mulher são entranhados. Em uma ciranda de crianças se costuma cantar *“Oh, Mariazinha! Oh, Mariazinha! Entrarás na roda ou ficarás sozinha? - Sozinha eu não fico, nem hei de ficar! Pois eu tenho o Pedrinho para ser meu par”*. Em outra também é possível ouvir *“Procurando bem, todo mundo tem pereba, marca de bexiga ou vacina, e tem piriri, tem lombriga, tem ameiba, só a bailarina que não tem!”*. Tantas são as músicas cantadas na infância e que constroem o ideal de feminilidade que deve ser conservado ao longo da vida. Para as mulheres, um par, e mesmo que procurem, não se deve ter nenhuma marca pelo

corpo. Desde os primeiros anos, desencorajam na menina a independência e a autonomia, ensinam-na a se encolher, a evitar a aventura e o risco. É ensinado também para elas como se comportar como o “segundo sexo”, aquele que deve esperar, ser escolhido, ser protegido. E é nesse cenário que a religião se manifesta como um poder sobre e das mulheres. “As grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. Elas legitimaram a submissão das mulheres e reforçaram a ordem patriarcal como um princípio divino” (Perrot, 2006, p. 83)

Em sua obra, Perrot cita o catolicismo nessa perspectiva dominadora e subjugante do ser não-homem. Parafraseando a autora, é entendido que o catolicismo, por sua vez, é em seu tempo, clerical e macho, de acordo com a sociedade do tempo em que ele está inserido. Desse modo, ele detém o poder, o saber e o sagrado, usando isso para reforçar o pensamento androcêntrico do homem e a opressão das mulheres. Para as mulheres pecadoras, restam, portanto, a prece, o convento das virgens consagradas e a santidade. E, mesmo que encontrem abrigo em meio às preces católicas, as mulheres devem aceitar a sua submissão. E os papéis coadjuvantes se estendem também para as figuras santas femininas. Segundo Guy Bechtel, em sua obra “A Mulher Diabo na Idade Média”, a Igreja não preza por suas mulheres místicas tanto quanto suas santas. Não à toa as santas são muito menos numerosas do que os santos, porque as condições para que as mulheres atingissem tal posto eram muito mais difíceis de atender do que para os homens: para elas era necessário conjugar virgindade a papel público, por exemplo.

São Tomás de Aquino, influenciado pela filosofia aristotélica, escreveu em sua obra “Suma Teológica” que a mulher seria de certa forma um “homem incompleto” ou “imperfeito” em relação ao homem, mas não em essência, e sim na forma como a natureza a produz. Segundo ele, mesmo que a mulher possuísse dignidade e um papel na ordem natural, conforme o plano divino, ela ainda era um ser gerado a partir de uma “deficiência” no processo de reprodução. Simbolizando assim a história do Gênese, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. Desse modo, a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, de modo que ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher é um homem imperfeito, pois a fêmea é um macho malformado” (Aquino, Suma Teológica, I, q. 92, a. 1).

E é assim que usando da passividade lançada sobre eles, que o ser não-homem passou a criar formas de ter certa influência na sociedade. Um dos movimentos promovido pelas mulheres ao longo da história foi o das Beguinhas, no século XII especialmente na região dos Países Baixos e na Flandres (atualmente parte da Bélgica, França e Países Baixos). As Beguinhas eram mulheres que optaram por viver uma vida religiosa dedicada à oração, trabalho e serviço social, mas sem fazer votos permanentes ou se retirarem

completamente do mundo. Elas viviam juntas, num mesmo abrigo, e usavam esmolas, mas principalmente salários ganhos pelo trabalho de cuidar de doentes ou pelo ofício de tecelãs. Porém, a Inquisição as perseguiu: foi o que ocorreu com Marguerite Porete, mística culta e autora do “*Miroir des âmes simples et anéanties*”, tratado do livre pensar, no qual ela ousava expressar concepções teológicas, dizer que o amor de Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes. Ela compareceu diante do tribunal da Inquisição em Paris e foi queimada em 1310.

Elas foram maciçamente presas e queimadas, principalmente na Alemanha, na Suíça e no leste da França atual (Lorena, Franche-Comté), mas também na Itália e na Espanha. Estima-se em cem mil o número das vítimas, sendo 90% de mulheres (PERROT, Michele, 2006, p. 89).

O fogo, porém, não foi suficiente para impedir a resistência feminina. Ainda que uma faca de dois gumes, o cada vez maior acesso à Bíblia supunha que também as meninas soubessem ler. Foi então que desta forma a Europa protestante as alfabetizou através de uma rede de escolas, e o contraste entre os países setentrionais e mediterrâneos se acentuou por muito tempo sob esse aspecto. Localizado no 6º arrondissement, na margem esquerda do rio Sena, está hoje um dos mais charmosos e históricos bairros de Paris, o Saint-Germain-des-Prés. O mesmo local foi um reduto de filósofos, escritores e artistas, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus e Juliette Gréco, que frequentavam seus cafés históricos.

No século XX, tornou-se um epicentro do existencialismo e da cena cultural parisiense, sendo que anos antes, Madame Swetchine (Anne Sophie Swetchine) se estabeleceu na França e se tornou conhecida por seu salão literário em Saint-Germain-des-Prés. Frequentado por escritores, filósofos e políticos da época, o salão tornou-se um importante espaço de debate e troca de ideias no século XIX. Pela caridade e pelas obras, as damas “patronesses” que frequentavam o salão exerciam um verdadeiro papel social entre os protestantes. Elas intervinham também através da escrita, principalmente em romances que alimentavam os periódicos educativos e cristãos, como *La Veillée des chaumières*. “A escolarização das meninas no primário operou-se nos anos 1880; no secundário, em torno de 1900; o ingresso das jovens na universidade aconteceu entre as duas guerras, e maciçamente a partir de 1950” (Perrot, 2006, p. 94).

Em 2022, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres já haviam se tornado maioria entre os matriculados em universidades no Brasil, representando 57,5% do total de 5,1 milhões de alunos. Entre os universitários prestes a se formar, elas correspondiam a 60,3% dos 803,6 mil alunos. Contudo, as chamadas feminilidades, que constituem de modo hegemônico a identidade preferencial das mulheres

ao longo de sociedades e tempos, nos parece estar em constante revisão e reivindicação de transcendência e diversidade, especialmente em um Brasil “manchado em vermelho” devido aos altos índices de feminicídios que atingiram a marca de 1463 de acordo com o relatório publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em março de 2024. Os dados, que encharcam os relatórios de feminicídios no país, mostram que ainda que a inquisição tenha acabado, a caça às bruxas permanece em novos moldes. De modo que a religião, enquanto uma das maiores instituições do mundo, ainda que seja também, em certa medida, responsável por tais violências e coerções, também pode servir de abrigo para as dores desses sujeitos “não-homens”.

E, assim, podemos retomar ao cerne da questão apresentada neste trabalho. Como um retrato de um Brasil plural que vai além de qualquer verde e amarelo, os mais diferentes problemas marcam a fala das mulheres que veem em Reginaldo Manzotti sua última salvação. Dentre relações abusivas, traição, abuso sexual, doenças incuráveis e todo tipo de problemas matrimoniais, o padre atua como ouvinte, conselheiro e evoca sua atuoridade sacra para guiar suas ouvintes naquilo que ele considera ser a melhor alternativa para os seus problemas. Seja em tom doce ou aos gritos que saem do fundo da garganta e anseiam por uma solução rápida, Manzotti diariamente continua a atrair ouvintes e mais ouvintes que desejam saber o que o padre tem a dizer sobre as suas questões cotidianas.

3.2 Em meio ao chiado do rádio, Filhas de Deus

Em uma lógica contemporânea, marcada principalmente pelos moldes comunicativos que propuseram a relação da mídia e da religião desde 1980, como ressaltado por Luis Mauro Sá Martino em “Mídia, religião e sociedade”, a entrada no confessionário do padre Reginaldo Manzotti é feita através do número “(41) 3221-6070”. Por outro lado, diferente da tradição religiosa, em que as confissões são feitas em sigilo, o produto sonoro materializa dois momentos em que as ouvintes fazem participações ao vivo no programa, contando confidências, fazendo perguntas sobre os dilemas da vida ou mesmo contando as graças alcançadas, sendo ouvidas não só pelo padre, mas por milhares de outras pessoas ao redor do país.

É aqui então que aquelas ditas como seres “não-homens”, bruxas e incompletas, ganham um novo vocativo: Filhas de Deus. A forma como Manzotti prefere chamar suas ouvintes que se debruçam em telefonemas para lhe contar suas tragédias cotidianas ou agradecer por milagres conquistados é acompanhada de relatos que inicialmente são uma surpresa para todos que escutam. Em alguns casos, pode ser que um tom de alegria tome conta do programa “Experiência de Deus” e os espectadores de plantão possam se maravilhar com as boas novas de mulheres que tiveram suas graças atendidas, milagres

realizados ou até mesmo tenham sido libertas daquilo que muitas vezes chamam de “pecados da carne”. Pode ser, porém, que a música que ecoe do rádio seja repleta de drama e acompanhada de lágrimas e soluços de mulheres que já não tem mais esperança em sua realidade. Os dilemas são vários, mas independente de quais sejam, corroboram para a relação particular que se forma entre o meio midiático, neste caso o rádio e as mulheres.

Mas para falar dessas mulheres e a escolha do rádio como seu companheiro do dia a dia, é preciso voltar no tempo e olhar para os primeiros vinte anos do Rádio no Brasil (1923 a 1943). Na década de 1930, a imprensa começou a ser tomada por diversas propagandas e publicidades voltadas para o público feminino. Os conteúdos eram diversos e ressaltavam, principalmente, características que as mulheres deveriam conservar para se tornarem boas esposas e donas de casa.

Nas páginas do jornal que nasceu com os anos 1900, o Correio da Manhã, nem um pouco escondido nas editorias avulsas e destinadas às mulheres da época, matérias que ressaltam o “bom feminino” e que repudiam tudo o que fugisse dos padrões do que uma mulher brasileira deveria ser e representar, teciam a grande colcha que cobriam o que a pesquisadora e jornalista Renata Neiva chamou de “pedagogias da beleza”. Dicas de qual sabão usar para ter a pele o mais macia possível, o corpo ideal e como conquistar um homem usando o seu coquetterie, eram reservados às últimas páginas do jornal que cotidianamente moldava a sociedade da época com suas opiniões políticas e pela defesa de valores republicanos e democráticos.

[...] Se quer um conselho, economize em outras coisas, mas se dê ao luxo de adquirir uma balança que lhe permitirá pesar-se todos os dias, sem roupas e à mesma hora (duas coisas importantes) e que atuará como uma espécie de voz da consciência para lhe dizer a quantas você anda (Palmer, 1960, p.5).

Durante o período em que o Correio da Manhã existiu (1901-1974), o consumo de jornais impressos era quase obrigatório, uma vez que se mostravam como a forma mais popular e facilitada de ter acesso às notícias. Além disso, em um mundo em que o jornalismo era considerado como o 4º poder, contar em páginas de um jornal dicas sobre ‘ser mulher’ era um reforço às opressões sociais as quais as mulheres eram e continuam sendo em sociedade. Mesmo assim, os conteúdos dedicados ao mundo feminino não ficaram restritos às páginas de jornais e revistas, mas passaram a ser amplamente veiculados com a cada vez maior popularização do rádio na época.

Depois que o último golpe de tesoura jogou ao chão a derradeira trança loura, a mulher sacudiu a cabeça, agora levíssima e sorriu

para o seu novo destino. A vida moderna deu-lhe vários presentes, entre eles a faculdade de poder caminhar com firmeza, pensar com seu próprio raciocínio e viver com a vida ganha pelas suas próprias aptidões. Aos poucos, ensaiando novos costumes – como novos passos de dança – conseguiu, ensinou-se dentro de todos os centros de cultura e trabalho. Arte e ciências foram experimentadas. Por último, o Rádio uma descoberta novíssima – atraiu-lhe a atenção. Curiosamente, apenas a princípio, a voz feminina acercou-se do microfone, o qual, dócil aos seus caprichos, tornou-se em pouco um dos seus maiores aliados. Logo surgiram em todas as partes do mundo locutores de vozes amáveis – novas speakers influídas com a profissão mais moderna do século (Carioca, 1937).

É assim que a Revista Carioca, de 30 de janeiro de 1937, tratava da presença das mulheres na Rádio da época. Nessa mesma vertente, no Rio de Janeiro, comandado por Aspázia, na PRC-8, Rádio Guanabara, que um dos primeiros programas voltados para o público feminino foi ao ar, o “Hora do Lar”. Com sua grade ocupada por ensinamentos domésticos, aulas de teoria musical e conselhos de beleza, o programa chegava a receber, em média, 250 cartas por mês. Outro programa feminino de muita repercussão nos anos 30 era “A Voz da Beleza”, da PRA-3, Rádio Clube do Rio de Janeiro. Guiado pela locutora Léa Silva, o programa ia ao ar diariamente das 13 às 14 horas. Sobre ele, a Revista Walkyrias, de julho de 1936, comentou: “o mundo feminino segue atentamente seus conselhos. Um programa original e atraente. Consigna um justo orgulho à direção de uma mulher”.

Para além dos programas atrativos ao público feminino, o rádio consegue fazer algo que nenhuma outra mídia ainda hoje ousou fazer: chegar aos locais mais inóspitos do Brasil. Os sinais de rádio, seja AM ou FM ultrapassam barreiras, classes sociais e se instauram nas casas de tantas Marias que talvez nunca tenham tido acesso à internet. E com seu modo de falar cotidiano, os locutores rompem inclusive barreiras socioeducacionais e se fazem compreender pela grande maioria da população. Não à toa, quando o mundo parece distante demais, é através das ondas de rádio que tantos homens e mulheres ainda hoje rompem as barreiras geográficas. E a tendência não é por acaso.

O historiador Eric Hobsbawn, aponta o rádio como uma poderosa ferramenta de comunicação e integração entre os indivíduos. O rádio foi o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas, cada ouvinte era tocado de forma particular por mensagens que eram recebidas simultaneamente por milhares de pessoas (Calabre, 2004). Ele se torna companheiro dos indivíduos nos espaços mais isolados, é responsável por informar, entreter e levar cultura sem que nenhuma imagem seja mostrada. É ele que instantaneamente pode ser o meio de diversos conteúdos e, por esses e tantos outros motivos, se tornou um dos instrumentos midiáticos mais usados no país, ultrapassando o tempo e, tampouco sofrendo o risco de ser substituído pelas novas mídias.

Foi assim então que ele foi apresentado para todo o país em 1920. Nas terras cariocas, que na época eram a capital do Brasil, os governantes desejavam mostrar um sinal claro de que estávamos oficialmente rompendo com o passado colonial: a derrubada do Morro do Castelo. Ele, que foi uma colina histórica no Rio de Janeiro, localizada na região central da cidade, abrigava uma fortaleza e uma área residencial que era parte importante da cidade colonial. No entanto, no início do século XX, foi demolido para abrir espaço para a construção de novos bairros e para a urbanização da cidade. A destruição do morro fez parte de um grande processo de modernização do Rio de Janeiro, que também incluiu a construção do Boulevard (atual Avenida Rio Branco) e a abertura de novos espaços públicos. O evento, porém, para realmente se tornar um símbolo de rompimento com o passado, precisava tornar-se de conhecimento geral e foi assim que decidiram apresentar para a sociedade da época aquele que se tornaria uma das mais importantes invenções da comunicação, o rádio.

O que se sabe, é que nos anos que passaram, muitos programas e formas de se comunicar no rádio foram desenvolvidas e antes, o que era um enorme aparelho na sala, se tornou uma tecnologia que poderia ser levada para os mais variados lugares. Em 1947, nos Estados Unidos, cientistas do Bell Telephone Laboratories haviam conseguido desenvolver o transistor (Ferrareto, 2001), uma ferramenta que mudou para sempre o modo como o rádio era usado. A peça, que aumentava os sinais eletrônicos e permitia que as válvulas que, até então ocupavam muito espaço e necessitavam de voltagens altíssimas, pudessem ser trocadas, fez também com que anos depois surgissem os primeiros rádios a pilha.

Anos mais tarde, em 1950, com a popularização da TV e as novas tecnologias, o rádio foi se tornando cada vez menor, abandonando muitas vezes uma posição de destaque nas casas e passando a inclusive ser encontrado nos bolsos da população (Kischinhevsky, 2009).

O rádio conquistou, nos anos 30 e 40, um lugar de destaque nas salas de estar, proporcionando informação e entretenimento. Ouvi-lo representava uma experiência familiar, coletiva. O rádio concentrava as atenções ao constituir um “horário nobre” para seu consumo [...]. A partir dos anos 50, com a concorrência da TV e o advento do transistor, o rádio foi destronado do posto de principal meio eletrônico nos lares, mas ganhou as ruas, miniaturizado. [...] o rádio se reinventou como um meio que acompanhava o ouvinte enquanto este executa outras tarefas ou se desloca pela cidade. Com as novas tecnologias, esse processo se acirra e a radiofonia se estabelece como “trilha sonora do cotidiano” (Kischinhevsky, 2009, p. 224-225)

De maneira contínua, as filhas de Deus começaram a nascer. Como citado anteriormente, as mulheres já estavam cada vez mais voltadas para os programas de rádio e suas produções se preparavam para receber esse público crescente. Do mesmo modo, o rádio se destacava por sua capacidade em romper barreiras e chegar nos mais plurais

lugares do Brasil. Para completar a receita que culminaria em programas como o de Reginaldo Manzotti, restava apenas a religião.

No movimentar das inovações tecnológicas e um anseio da religião para se manter atual no que se trata da sua presença na vida de seus fiéis, uma aproximação que até então era subjugada ganhou espaço, destaque e milhares de espectadores: os programas religiosos do rádio e televisão. Em uma lógica que mistura religião e certas características do entretenimento, os programas religiosos surgem numa esfera do que pode ser chamado por Luis Mauro Sá Martino de entretenimento midiático-religioso, expressão que, tempos atrás, poderia ser uma contradição. Nos Estados Unidos da América (EUA), o pastor Billy Graham, parece ter tido a percepção de todo o potencial dos elementos da cultura midiática, sendo o primeiro a utilizar modelos da televisão, principal mídia de seu tempo, na atividade religiosa (Martino, 2010, p. 117). Aproveitando-se de recursos cênicos e de arte semelhantes aos de programas de entretenimento, nos quais um apresentador ou animador é o responsável por cativar a audiência, Graham rapidamente conseguiu um considerável espaço na mídia.

E os moldes de Graham não ficaram restritos ao 'American Way of Life', rapidamente tantos outros religiosos passaram a serem estimulados pelas próprias igrejas para ganharem espaço na mídia. É nessa lógica que Reginaldo Manzotti surge e em poucos anos se torna o padre das multidões e atrai fiéis para o seu confessionário público. Uma sinfonia ecoa por toda parte da casa. Em meio aos chiados característicos do rádio, o barulho das louças na cozinha e o leve sopro da fumaça que sai da panela em ebulição, uma voz grave substitui a melodia e anuncia o programa que está prestes a começar. Para acompanhar o que vem a seguir, existem aquelas que encham um copo d'água e logo o aproximam do rádio na espera da benção. Outras juntam fotos dos familiares queridos e as colocam uma a uma ao redor do aparelho. Tem ainda aquelas que também se sentam ao lado do rádio em silêncio, agarram o rosário e se põem a rezar.

Apenas um "oi, padre" demarca o início do que vem a seguir. Enquanto algumas se identificam com nome e a cidade de onde falam, outras preferem manter o anonimato garantido pela expressão 'filha de Deus' e através da fala, compartilham com mulheres de todo o Brasil as dores, aflições, conquistas e anseios que a levaram até o confessionário público de Manzotti. Durante esse momento de escuta e intercessão do padre, que não dura mais de dez minutos, não é estranho imaginar ouvintes que se sentam atentas ao lado do rádio ou até ateus que se percebem fisgados com os desabafos feitos sem nenhum tipo de pudor.

Entre histórias de amores partidos, traições silenciosas, violências marcadas no corpo e na alma, doenças que não se curam e promessas que se desfazem, Reginaldo Manzotti se torna ouvido e palavra. Com sua autoridade sacra, oferece conselhos como

quem estende uma mão em meio à tormenta. Seja no sussurro delicado ou no grito rasgado que nasce do desespero, suas respostas se espalham pelas ondas do rádio, atraindo, dia após dia, um coro de ouvintes que buscam nele um norte para as dores que a vida insiste em impor.

O que temos então é um objeto que reúne tudo pelo que um dia as mulheres foram subjugadas e que, mesmo que sirva de apoio emocional, social ou comunicativo, acaba revelando profundas dores daquelas que ainda hoje são tidas como o “outro”. “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap”. (Beauvoir, 2009, p. 126.)

Aqui, as ouvintes Eliane, Kelly, Valdênia, Paula, Ocláide e outra ouvinte que preferiu não se identificar, tornam-se protagonistas e emprestam a sua história para uma análise que parte dos Estudos Culturais de Raymond Williams (2005). Por meio de seus relatos, também torna-se possível propor dar espaço para o feminino de diversas partes do Brasil que fogem dos grandes centros do sudeste e que muitas vezes não são retratados nas mídias ou, quando são, tendem a aparecer de modo estereotipado. Logo, o foco é lançado sobre as regiões mais interioranas do país, onde histórias cotidianas são narradas e vividas por mulheres que têm a religiosidade como seu alicerce, a mídia como uma companheira cotidiana e o padre como um sacro psicólogo.

4. O SER MULHER

Para analisar como as formas de identidade, religião e gênero se materializam por meio da fala das ouvintes do programa 'Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti', para o presente trabalho desenvolve uma análise cultural, a partir de Raymond Williams (2005), com respaldo nas noções de hegemonia, valores residuais e emergentes. Além disso, para os conceitos explorados, a pesquisa também usa de base as principais teorias de representação, identidade e gênero a partir de Butler (2003), Hall (2006) e outros autores. A abordagem metodológica usada envolve a aplicação de uma análise qualitativa, na qual a pesquisa se debruça em observar e interpretar como a construção identitária das ouvintes do programa do padre Reginaldo Manzotti surgem em suas falas no programa. Para isso, será utilizado o conceito de Stuart Hall (1995) para identidade.

Utilizo o termo "identidade" para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos "interpelar", nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode "falar". As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 1995, p. 111)

Por sua vez, a pesquisa utiliza de uma abordagem aplicada, descritiva e qualitativa. A etapa engloba uma análise das narrativas que surgem por meio do discurso das ouvintes do programa 'Experiência de Deus', seguindo os seguintes passos descritos a seguir. Após uma pesquisa exploratória nas mídias sociais, os seis trechos foram selecionados a partir de sua repercussão na página do tiktok da Rede Evangelizar. Esses trechos, por sua vez, foram ouvidos múltiplas vezes como forma de observação e seleção de falas relevantes que ressaltam como o ser mulher é materializado nas falas das ouvintes. Durante esse processo, foram identificados os principais momentos em que as mulheres evidenciam por meio dos relatos, aquilo que culturalmente elas veem como certo e errado, sacro ou pecado e até mesmo o que esperam do padre enquanto figura religiosa.

Para a análise, foram acionados os seguintes operadores, definidos a partir da análise inicial do próprio programa de rádio: 1) questão apresentada pela ouvinte, 2) interação com o padre e 3) materialidades culturais do "ser mulher" manifestadas no diálogo com o padre. Portanto, a pesquisa objetiva, através da análise e interpretação das falas das mulheres das mais diversas partes do Brasil, de suas dores e visões de mundo,

compreender quais vivências do “ser mulher” se materializam na participação das ouvintes no programa “Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti” e que tensionamentos nos permitem refletir sobre as múltiplas identidades das mulheres em disputa na sociedade brasileira contemporânea.

A ouvinte Paula, de 26 anos, mora em Vacaria (RS) e liga para o padre por um motivo recorrente no programa: ela deseja se libertar de um relacionamento tóxico e da dependência emocional que tem do companheiro de 38 anos. Em seu relato, a ouvinte conta que há 1 ano e 3 meses atrás havia conhecido o homem, com quem vive junto, em um aplicativo de relacionamentos. Segundo ela, num primeiro contato, ela disse que comunicou para ele que nunca ficariam juntos, contudo, ela ressalta ter cometido um erro e cedido às investidas do homem. Desde então, eles vivem uma relação que Paula define como tóxica.

Em seu relato, a ouvinte conta que hoje em dia não se vê mais como ela mesma, ressalta que está sempre pisando em ovos com o companheiro e que tudo deve ser seguido como ele quer, senão uma “guerra” é instaurada em casa. Em seus exemplos, Paula diz que ama ir à igreja, mas é constantemente criticada pelo companheiro por isso. Ainda, de acordo com a ouvinte, uma segunda “burrada” foi ter vendido o seu próprio carro para abrir um negócio com o homem.

Enquanto escuta, Reginaldo Manzotti se indigna com o relato de Paula. Ele afirma que apenas naquela semana esse era o segundo relato de mulheres dizendo viverem em relacionamentos abusivos. Reginaldo ainda é pontual em dizer a todo momento que não está em posição de julgamento da ouvinte. Adiante em sua fala, Paula diz que perdeu todas as amigas por conta do relacionamento abusivo e, ao lembrar o carro vendido para abrir o negócio com o companheiro, Reginaldo Manzotti se exalta e grita dizendo “saia deste traste, minha filha!”. O padre afirma que a ouvinte tem um parasita dentro de casa, ressalta que ela está sendo frouxa por se manter em tal situação e ainda questiona se o homem é “tão bom de cama a ponto de ela querer continuar com ele”.

Nesse momento, Paula enfatiza que ela e o homem já não têm mais relações sexuais e mais uma vez pergunta ao padre por que ela não consegue se ver livre do relacionamento. Reginaldo diz para que ela arrume as malas e retorne para a casa dos pais. O padre ainda afirma que o pai e a mãe dela não a criaram para ser escrava de um homem como esse. Reginaldo grita ao dizer que Deus ama Paula. Ao orientar para que a ouvinte procure tratamento psiquiátrico para tratar sua dependência, Reginaldo é surpreendido quando Paula diz ter marcado uma consulta, mas que o companheiro não a deixou ir. É então que Reginaldo pontua que é óbvio que o companheiro não a permitirá ir se tratar, afinal ele quer uma mulher doente, que lava e passa e que seja obediente a ele. Por fim, o padre pede para que Paula arrume a mala e volte para a casa dos pais, orienta

que ela procure ajuda psicológica para que não volte a cair em outro relacionamento abusivo e termina dizendo para que ela vá ao reencontro de si.

O relato de Paula é marcado por pontos importantes e que já foram citados nos capítulos anteriores. Assim como dito por Simone de Beauvoir, o que se pode compreender da fala da ouvinte é que o companheiro de Paula, nesse sentido, atua como um inibidor da personalidade dela, a mantendo em uma constante posição de “outro”. Ela não é senão o que o homem decide que seja (Beauvoir, 2009, p.18)

Ao dizer por exemplo que o companheiro exige que tudo deve ser ao seu modo, Paula inconscientemente recapitula o que já dizemos ser uma visão androcêntrica que permeia em sociedade, onde o homem é tido como essencial e sua visão de mundo como a mais importante. Nesse sentido, o homem que convive com a ouvinte constantemente a coloca como coadjuvante de sua própria história, critica os seus gostos e minimiza as suas vontades. Um exemplo disso pode ser observado quando a ouvinte ressalta os seguintes tópicos: que a casa vira um campo de guerra quando o companheiro é contrariado, que ele critica o seu gosto por ir à igreja e seu desdém pela necessidade familiar que Paula diz ter. “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, diz Aristóteles. ‘Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural.’ E são Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um “homem incompleto”, um ser “ocasional”. (Beauvoir, 2009, p.18)

E muitos homens não aceitam não serem incorporados como parte da vida do outro. Quando a ouvinte relata que mesmo negando às investidas do companheiro quando eles estavam ainda se conhecendo, ele usa uma estratégia de falar com uma amiga para que ela comentasse sobre ele com Paula, o homem evidencia como para ele a resposta da mulher acerca de determinado assunto é banal ou permeada de incerteza, de modo que ele não veja uma necessidade expressiva de respeitar a posição do feminino.

Ainda em sua fala, Paula em dois momentos nomeia as suas próprias atitudes como sendo “burradas”. No dicionário Oxford Languages, o termo “burrada” é definido como uma ação ou decisão tola, imprudente ou sem reflexão, semelhante a “asneira” ou “tolice”. A palavra “burrada” deriva de “burro”, um animal associado à falta de inteligência, e é usada para descrever ações consideradas pouco inteligentes ou irrefletidas. No primeiro momento, ela diz que sua primeira burrada foi ter cedido às investidas do atual companheiro no início da relação. Já a segunda aconteceu quando ela decidiu vender o próprio carro para que eles abrissem um negócio juntos. O fato é que, o trecho evidencia um círculo vicioso em todas as circunstâncias análogas: “quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior” (Beauvoir, 2009, p.24). Ao dizer que suas atitudes são “burradas”, inconscientemente Paula se coloca em uma posição

inferior a algo ou alguém, reafirmando que ela age em alguns momentos como alguém que não sabe tomar as devidas decisões por conta própria.

Pela fala da ouvinte, ainda podemos perceber como ela tem percebido que a relação definida como tóxica em que está vivendo, tem lhe roubado sua própria personalidade. Nesse sentido, assim como definido por Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas, a autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens (Beauvoir, 2009, p.87), logo, podemos inferir que ao se pôr como a figura central da casa, o companheiro de Paula não permite que suas opiniões sejam vistas como relevantes, anulando seus sentimentos e consequentemente fazendo com que sua personalidade vá gradualmente sendo perdida.

Somente as fêmeas domésticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais. Foi esse, talvez, o caso da mulher num tempo em que a luta contra um mundo inimigo reclamava o pleno aproveitamento dos recursos da comunidade; às fadigas de uma reprodução incessante e desregrada acrescentavam-se as duras tarefas domésticas (Beauvoir, 2009, p.83)

Outro ponto a ser observado no relato é o fato de que Paula vendeu o próprio carro para poder ajudar o companheiro a inaugurar um negócio. O tópico, que pode ser visto por alguns como um sinal de parceria, também pode ser entendido como uma visão histórica de que a mulher deve ser a base do homem e ser o seu apoio a qualquer custo. “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições” (Beauvoir, 2009, p.21).

O que podemos observar então é que, mais uma vez sob a ótica da autora, um dos tópicos que muitas vezes se torna impeditivo para o reconhecimento da unidade que é a mulher, são suas próprias relações com os homens que estão mais intimamente ligados às suas vidas. Em muitos casos, eles são pais, irmãos, tios, maridos, o que dificulta ainda mais esse reconhecimento do ser mulher como algo independente, pelos vínculos afetivos e hierárquicos familiares. Ao longo dos tempos, então, mesmo que a posição subordinada a qual são submetidas se torne quase que insustentável em alguns momentos, em outros, é confortável ser o outro, não ser o protagonista. No caso de Paula, o seu conforto é rompido quando o padre grita para que ela se liberte do companheiro e mesmo de maneira autoritária, ele a puxa para a tomada de uma atitude, que nesse caso envolve o seu próprio eu e a sua liberdade.

Aqui, Reginaldo Manzotti vai além de sua posição de padre, atua quase como um psicólogo com um paciente em seu divã, mas se aproveita de seu discurso sacro para fortalecer a ideia da ouvinte que ela sim, está envolvida em um relacionamento tóxico e

precisa se libertar dele. De acordo com uma versão de suas etimologias, as palavras *religião* e *comunicação* se referem ao trabalho de *conectar*, e é nesse sentido, talvez, que se pode dizer que a religião constitui o arquivo imaginário e figurativo para todas as técnicas e tecnologias que tornam o mundo disponível à vontade humana ([Derrida 1998](#); [Stolow 2013](#)). A mídia e a religião se reúnem portanto como forma de aproximar fieis e seus líderes, de modo que o universo religioso não fique mais restrito aos templos e possa também invadir as casas e relações de seus fieis, orientando atitudes e contribuindo em situações de necessidades, como acontece com Paula.

Poderíamos dizer que a religião e a mídia sempre estiveram implicadas uma na outra. Ao longo da história, de muitas formas, a comunicação com e sobre “o sagrado” foi empreendida através de diversas culturas materiais e formas de mídia, começando com a própria linguagem, um dos meios primordiais para a comunicação religiosa ([Keane. 1997](#)).

Manzotti é pouco tradicional quando observamos as matrizes do catolicismo, por exemplo, em seu conselho para a ouvinte, ao invés de talvez orientar sugestões de como ela pode salvar o seu relacionamento e ficar bem com o companheiro, o padre entende que a relação dos dois é muito mais complexa que um impasse conjugal e que, para de fato viver de maneira plena, o melhor é que Paula deixe o companheiro e retorne para a casa da família, onde poderá recomeçar.

“Então, se somente as fêmeas domésticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais” (Beauvoir, 2009, p.83). Paula, talvez, entenda bem o que a autora afirma nesse trecho do livro. Ao se ver em uma situação em que o companheiro impede que ela faça um tratamento psiquiátrico, o homem, assim como ressaltado por Reginaldo Manzotti em sua fala para a ouvinte, deseja, mesmo que inconscientemente, que a mulher seja sempre dependente psicologicamente dele, de maneira que ele possa enfim explorar livremente de sua existência.

Por fim, ao dizer para que Paula vá ao reencontro de si e busque ajuda psicológica para se livrar do companheiro, Manzotti rompe com a ideia de que apenas a fé salva, acolhe a realidade vivida pela ouvinte e a orienta sobre o que fazer para que ela deixe de ocupar essa posição do outro, do ser não-homem e passe a ser de fato, protagonista de sua própria vida.

4.1 Kelly

Kelly de Votuporanga (SP), uma ouvinte que diz ouvir o padre há 4 anos, liga para Reginaldo Manzotti para contar sobre um “milagre” vivido pelo filho de 7 anos João Victor. Segundo ela, João teve uma doença rara que consiste na necrose da cabeça do osso fêmur, que fica na perna. Em seu relato, Kelly conta que o filho foi levado à diversos médicos e especialistas que concluíram que ele ficaria na cadeira de rodas por 1 ano e que, caso não fizesse a reconstrução de cálcio, ele teria que fazer uma cirurgia e passar a usar uma prótese.

A ouvinte ressalta como ficou triste em ver o filho parar de brincar e ter que ir para a escola usando a cadeira de rodas. Kelly lembra então de um dia em específico em que o padre lembrou uma passagem da bíblia no programa em que ele conta sobre uma mulher com hemorragia que tocou em Jesus e foi curada. Segundo ela, neste mesmo dia, ao dar banho no filho, ele a lembrou sobre a passagem da mulher com hemorragia e afirmou que ela na verdade era ele e que, por isso, ele seria curado, por crer em Deus.

Mesmo assustado com o relato 45 dias depois Kelly conta que o filho continuava dizendo que ele estava curando, que sua fé em Jesus o curou. Foi então que ao retornarem para a consulta médica, o especialista concluiu que o cálcio estava sendo reestruturado no osso de João Victor e que ele poderia ir para casa já sem a cadeira de rodas. Kelly então começou a chorar e questionou se o médico acreditava em milagres, quando ele respondeu que sim, a ouvinte ressaltou “sua voz é a voz de Deus a nos revelar esse milagre que meu filho tinha no coração dele”. Ao final, Reginaldo Manzotti conversa com João Victor e o parabeniza pela fé.

Ainda que Michelle Perrot tenha dito que a igreja tenha oferecido um abrigo às misérias das mulheres pregando, entretanto, a sua submissão, não se pode ignorar que foi na igreja que muitas pessoas, sejam homens ou mulheres, encontraram amparo em meio às dificuldades do mundo. Ao longo dos anos, ao olhar para as inúmeras gerações de várias famílias, não é difícil perceber como os conceitos bíblicos moldam as relações dentro de uma casa, sendo repassados para os membros daquele núcleo e que, conseqüentemente, esses moldes seguem para as suas próprias relações.

No caso de Kelly, poderíamos resumir o seu relato com a palavra milagre. De acordo com o Dicionário Oxford, “milagre” é definido como um ato ou acontecimento fora do comum, inexplicável pelas leis naturais. A ouvinte, que pela fala podemos inferir como alguém que construiu parte de sua identidade nos moldes católicos, liga para Reginaldo Manzotti para dar um testemunho. O termo, não é nada mais que o relato pessoal de alguém sobre sua experiência de fé, conversão ou intervenção divina em sua vida. Costuma ser compartilhado para inspirar outras pessoas, demonstrando como a espiritualidade, a oração ou um evento milagroso transformou a vida do indivíduo. No cristianismo, por exemplo, um testemunho pode incluir uma experiência de salvação, cura ou resposta a uma

oração. Sob essa ótica, é interessante analisarmos como o ato de dar um testemunho já é em si um símbolo de fé e que indica o grau de proximidade que um indivíduo pode ter com tal sentimento. Afinal, ao relatar uma experiência religiosa que pode ser usada para inspirar outros fieis, o sujeito reforça a sua posição crente frente a realidade na qual está inserido.

Em seu testemunho, ao contar sobre a doença do filho, um dos principais pontos a serem analisados está presente no momento em que a mulher diz ouvir recorrentemente o programa de Reginaldo Manzotti junto do filho. Em primeiro lugar, devemos ressaltar que a circulação global de imagens, sons e palavras religiosas fornece o contexto mais amplo possível para compreender como as coisas chamadas de “religião” se fazem presente no mundo (Stolow, Jeremy), assim sendo, quando Kelly e o filho João Victor se colocam diante dos relatos apresentados no Programa Experiência de Deus e dos atos litúrgicos reforçados pelo padre durante a pregação no rádio, é propício que principalmente o menino de 7 anos, enquanto um sujeito em formação, passe a interpretar sua própria realidade por meio de uma visão que tem com base os ensinamentos religiosos.

Nesse sentido, ainda que para Kelly a fala do filho de que ele é como a mulher da bíblia que teve suas hemorragias curadas ao tocar em Jesus, possa realmente indicar um milagre, não podemos ignorar que naquele momento uma visão de mundo construída com base na fé que é disseminada em sua família também esteja sendo acionada pela criança que passa por um momento traumático. Afinal, João Vitor teve toda a sua vida mudada do dia para a noite ao se ver em uma cadeira de rodas.

As interações do indivíduo com o ambiente que o cerca são ligadas às representações que cada um faz desse ambiente: a própria noção de “realidade” está ligada à percepção/interpretação dos signos responsáveis por constituir as representações que tomam forma na mente humana, ligando representação e significado na constituição da compreensão da realidade (Martino, 2010 ,p 104).

Portanto, mesmo após tendo passado por um tratamento proposto por médicos especialistas, Kelly e João Vitor interpretam a cura que o menino teve como um ato miraculoso, onde a ouvinte diz que a voz do médico anunciando que a doença do filho estava regredindo era uma resposta de Deus à fé da criança.

A evangelização, como ação de divulgar as boas novas, não pode ser dissociada da ética cristã. Em outras palavras, evangelizar pressupõe a ética cristã. Portanto, ao utilizar a televisão em nome de Deus, de Jesus Cristo, para realizar a evangelização, qualquer ação que esteja fora dos princípios da ética cristã acaba invalidando o propósito da evangelização. A ética bíblica, ao continuar demonstrando os princípios da criação e os efeitos do pecado, orienta os crentes para o poder redentor capaz de transformar suas vidas e modos de viver (Field, 2009, p. 398).

Em sua posição de líder religioso, Reginaldo Manzotti reforça a crença da família no milagre vivido, promovendo em seu programa um estímulo às boas novas propostas pelo catolicismo e divulgando as bênçãos que têm aqueles que vivem pela fé.

4.2 Valdênia

Para os cristãos, um livramento é uma ação divina em que Deus protege, resgata ou impede que uma pessoa passe por situações perigosas, destrutivas ou prejudiciais. Muitos acreditam ainda que Deus intervém direta ou indiretamente para evitar acidentes, ataques espirituais, doenças, perdas ou outras adversidades. O fato que para muitos pode ser algo inusitado, é bastante comum quando se trata do universo católico. A ouvinte Valdênia, do Rio de Janeiro, é uma dessas fieis que pode encher o peito para dizer que ela é uma prova viva de que Deus a impediu de viver uma verdadeira tragédia. Em seu relato para o padre Reginaldo Manzotti, ela conta sobre um pedido que fez quando recebeu as fitas das santas chagas de Jesus pelas mãos do próprio padre. Segundo ela quando foi amarrar a fita no braço ela pediu à Deus para que antes que a fita se arrebetasse ela conseguisse comprar a sua casa própria.

De maneira descontraída, a ouvinte diz que um tempo depois, tal como um sinal divino, realmente surgiu uma casa à venda justamente em uma localização pela qual ela desejava muito. Porém, as coisas não foram tão fáceis assim, segundo a ouvinte ela não estava conseguindo falar com o proprietário e somente depois de muito tentar conseguiu localizá-lo. A questão é que a história de Valdênia não termina assim, o proprietário do imóvel solicitou que ela pagasse um valor muito acima do que podia e ela acabou desistindo da compra. *“Nessa hora eu respondi, Deus eu pedi tanto, mas que seja feita a sua vontade então”*.

Em meio às risadas do padre, Valdênia diz que tempos depois apareceu outro lugar em que havia uma casa por um preço acessível e que assim que ela conseguiu comprar a fita caiu. Segundo ela, nessa compra até sobrou dinheiro para que ela realizasse reformas na residência nova. E é aí que o livramento acontece, a ouvinte conta que pelos noticiários soube que justamente a primeira casa que iria comprar desabou e, nesse momento, se pôs de joelhos e pediu perdão para Deus por não ter acreditado nos planos que ele tinha para ela. Por fim, Reginaldo Manzotti pede então que a ouvinte vá até a missa presencial e dê o seu testemunho para os fieis que estiverem no local.

É interessante analisarmos como a visão de Valdênia da própria realidade e os acontecimentos que a cercam, principalmente no que tange o seu conceito de ter vivido uma experiência de livramento, pode ser compreendido a partir da teoria dos enquadramentos. A teoria em sua concepção inicial, explica que, ao se ver em uma

situação qualquer, o sentido atribuído a ela depende dos “quadros de sentido” utilizados (Martino, 2010, p. 122).

Os enquadramentos então são determinados a partir das experiências vividas pelo sujeito. No caso dos cristãos, por exemplo, ao adotarem para si a definição do eu católico, evangélico, protestante ou tantos outros, o indivíduo diz não somente para o mundo sobre uma visão de si mesmo mas também revela através da fala alguns dos enquadramentos nos quais ele enxerga o mundo onde está inserido. Afinal, a religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades, assim como define quem está dentro da comunidade, define também quem está fora (Martino, 2010, p.9).

Como uma mulher católica e praticante, Valdênia deixa explícito em sua fala diversas formas pelas quais ela interpreta a sua realidade. Percebe-se isso nos momentos em que ela diz adquirir produtos religiosos (nesse caso, as fitas vendidas pelo padre Reginaldo Manzotti). Também no fato de ela dedicar seus desejos à Deus (como uma casa própria que fosse da vontade de Deus). Por fim, quando ela atribui a uma situação que não saiu como o esperado, como uma experiência de livramento.

Outro ponto a ser analisado logo nos primeiros momentos da fala da ouvinte, é como as religiões no geral estão tão entranhadas no universo midiático que, além de usarem meios de comunicação para se promoverem, elas também estendem a evangelização por meio de produtos considerados santos. Na loja online “Produtos que Evangelizam” as fitas das santas chagas, como a adquirida por Valdênia, podem ser compradas pelos interessados pelo valor de R\$ 1. Assim como está descrito na própria loja.

As fitas do Bonfim das Santas Chagas são versões das tradicionais fitinhas do Senhor do Bonfim, adaptadas para expressar devoção específica às Santas Chagas de Jesus. Essas fitinhas, inspiradas pelo Padre Reginaldo Manzotti, são consideradas símbolos de fé e proteção divina. Feitas com materiais de alta qualidade para resistir ao uso diário, elas podem ser utilizadas como pulseiras, itens decorativos ou lembranças religiosas, permitindo que os fiéis demonstrem sua devoção e fortaleçam sua fé.

Com esses produtos religiosos que são englobados no cotidiano dos fieis, a religião ultrapassa as barreiras antes impostas pelos templos e transforma os seus líderes religiosos em verdadeiras figuras pop, como acontece com Reginaldo Manzotti, que tem consigo milhares de seguidores que adquirem seus livros, dvds, cds e os mais variados produtos, como as fitas das santas chagas. Contudo, é importante ressaltar que a mídia só pode

interferir nas práticas e vivências religiosas porque essas relações sociais existiam antes de qualquer vínculo com a mídia (Martino, 2010).

E, no entanto, ao longo das últimas décadas do século XX, religião e entretenimento vêm mostrando uma curiosa aproximação. No ambiente das mídias, o entretenimento e a religião se encontram de muitas maneiras. Em certos momentos, seria possível falar até em uma “hibridização”, uma mistura na qual não é mais possível separar um do outro, a ponto de se pensar em um entretenimento midiático-religioso, expressão que, tempos atrás, poderia ser uma contradição (Martino, 2010, p. 110).

Portanto, a religião é, em si, uma relação de comunicação – se entendermos a religião como um código de sentidos compartilhados que auxilia os fiéis a entenderem determinados aspectos da realidade. Isso é o que acontece com Valdênia, uma fiel que está tão imersa no universo criado pelas religiosidades, que sua interpretação da realidade é transpassada por conceitos reforçados pelo cristinismo.

A interpretação do fiel é também mediada pelo fato dele ser consumidor de todo tipo de produtos segmentados, de CDs e DVDs de seus artistas religiosos preferidos até roupas e acessórios criados para um público específico e, por vezes, dotados do logotipo de uma igreja ou da marca de uma associação religiosa, em um processo no qual também é construída uma identidade (Martino, 2010, p.52)

Aqui vemos na prática como ao se definir como uma mulher católica, devota das santas chagas (como acontece com Valdênia) e ouvinte do Programa Experiência de Deus com Padre Reginaldo Manzotti, são fatores importantes para a definição da identidade do sujeito, sua colocação no mundo e para suas relações consigo e com o outro.

4.3 Anonimato

Uma ouvinte que prefere não se identificar, é chamada então de filha de Deus. Diretamente de Jaboticabal (SP), em meio a lágrimas, a mulher conta que seu casamento está sendo colocado à prova porque ela tem caído na tentação da traição. Segundo ela, mesmo o marido sendo uma pessoa boa, sem vício e que juntos eles tem um filho, ela tem se sentido cada vez mais tentada a trair.

“Ele apareceu na minha vida e me deixou totalmente desorientada, parece que é uma força maior que vem em cima de mim, apesar disso eu não quero trair o meu marido”, diz. Neste momento, o relato da ouvinte é interrompido por Reginaldo Manzotti que diz que não concorda com ela e que ela não deve colocar a culpa da situação em uma suposta força maior, pois o que na verdade está acontecendo é uma falta de fidelidade no matrimônio.

O padre questiona se a mulher não é feliz sexualmente com o marido, ela responde que sim e que é muito feliz, então Reginaldo afirma que ela deve controlar os seus impulsos. O padre ressalta que se ela tivesse problemas sexuais com o marido não seria uma justificativa, mas um atenuante. Em sua fala, Reginaldo Manzotti ainda diz que “você acha que as pessoas não têm desejo? que um padre não tem desejo? que um casado não tem desejo?”.

O padre questiona se a ouvinte irá colocar tudo a perder por um impulso. A mulher responde que o amante já deixou claro que não quer nada sério, é aí que Reginaldo afirma que ela está sendo muito leviana, ele diz que se ela quiser trocar tudo por uma aventura, ela deve então se separar do marido, arrumar suas coisas e sair de casa. “Controle seu apetite”, diz o padre.

Reginaldo conclui que a mulher deve apagar o contato dessa pessoa que incita a traição em sua vida, evitar os locais em que pode encontrá-lo e diz que se o homem sabe que ela é casa e continua mexendo com ela é porque ele é um traste.

O padre aconselha para que quando ela estiver prestes a cair na tentação, que é para ela pensar se marido e o filho merecem isso. Reginaldo diz que ela deve se aproximar mais do marido, dizer para ele que ela tem suas necessidades sexuais. Ele ainda ressalta que isso não é feio, que o feio é fazer às escondidas.

Ao fim, o padre reza com a ouvinte a seguinte oração: “Senhor, eu quero ser uma boa esposa, eu quero ser uma boa mãe, dai-me discernimento senhor, dai-me freio sobre os meus impulsos, sobre esses desejos de traição, me ajude senhor a não cair nessa armadilha, a não cair na traição, fortaleça-me senhor na fidelidade e na castidade ao meu marido. Dai-me essa graça, ó senhor.”

Em análise, o relato da ouvinte começa de um ponto que devemos observar de maneira minuciosa. Ao dizer que seu casamento está sendo colocado à prova devido ao desejo de uma traição, a ouvinte imediatamente aciona dizeres que são estabelecidos em sociedade desde a antiguidade. De um lado, a “filha de Deus” se coloca como detentora de uma essência negativa que está sendo constantemente em tentação, do outro, ela coloca o marido em um lado positivo, naturalmente bom e quase que inocente. A maneira de se interpretar os homens e as mulheres desta forma ultrapassou gerações e ainda hoje pode ser observado em sociedade. Como já supracitado anteriormente, houve um tempo na antiguidade, em que se acreditava que os ideais eram baseados em uma essência, ou seja, em uma verdade. Nesse aspecto, como Deus havia criado o homem e a mulher, haveria portanto uma verdade para a essência do homem e uma para a mulher que seria inata à todos os indivíduos.

Aqui podemos recapitular a frase de Aristóteles que era um dos detentores dessa maneira essencialista de se pensar o homem e a mulher. Para o filósofo, haveria portanto

um princípio bom que criou o homem e outro princípio mau que criou a mulher. Logo, enquanto tudo que é produzido pelos homens era agraciado por sua luz natural, as mulheres eram propagadoras de trevas inatas às suas ações. Como diria Simone de Beauvoir, portanto, o segundo sexo é tido como um homem incompleto, incapaz de tomar suas próprias decisões, constantemente tentado por supostas forças do mal e digno apenas de viver em servidão aos homens. Deslocando esses tópicos para o que é citado pela ouvinte, não caio no mérito de dizer que ela está certa ou errada, que mereça ser absolvida ou condenada, porém, é necessário que vislumbramos de maneira atenta como o discurso de muitas mulheres é transpassado por essa visão antiquada sobre a essência dos homens e das mulheres.

Outro ponto a ser analisado na fala da ouvinte, é como constantemente ela coloca o marido e o filho em primeiro lugar, anulando os próprios desejos e se colocando em uma posição de pecado. Assim como dito por Beauvoir, as mulheres foram tão subjugadas ao longo da história que elas mesmo passam a se verem como o outro, alguém de menor importância, principalmente frente aos homens. Ainda, a relação em que a ouvinte estabelece com a mídia e a religião, quando se trata do programa Experiência de Deus, é tão forte, que ela não se acanha em contar sua história para milhares de ouvinte, onde, mesmo que ela não se identifique, pode ser que tantas outras pessoas a reconheçam pelo tom de voz, por exemplo.

A mídia, não só nesse caso mas em todos os outros observados até aqui, só ganha tal impacto no cotidiano dessas mulheres porque um dia a religião se estabeleceu neste país definido como um lugar de bons ares e que tudo o que fosse impresso em nossas populações primeiras, seria reproduzido por elas. A religião se torna um tema de interesse porque essas crenças estão ligadas ao modo como indivíduos, comunidades e sociedades vivem e se relacionam uns com os outros. Portanto, ainda que seu desejo seja grande, como conta a ouvinte, o peso da religião em sua vida é maior, a impedindo de cometer o “pecado da traição” e fazendo com que ela recorra ao confessionário exposto de Manzotti em busca de orientação para as suas próximas decisões.

A mídia só pode interferir nas práticas e vivências religiosas porque essas relações sociais existiam antes de qualquer vínculo com a mídia. É importante, nesse sentido, pensar no contexto histórico e social no qual as religiões se tornam práticas mediadas. A mídia, portanto, não tem “efeitos” sobre as práticas religiosas, sobre as igrejas e denominações. Elas se encaixam em uma trama muito mais complexa. (Martino, 2010, p.25)

É fato também que quando a ouvinte narra uma questão pessoal que a coloca em preocupação, para o padre e para a esfera pública representada nos demais ouvintes do programa, ela os coloca em posição de vigia dos seus atos. Nesse sentido, é como se o

problema apresentado pela “filha de Deus” deixasse de ser só dela e passasse a ser um ponto de atenção de todos aqueles envolvidos no momento de seu relato. Mesmo que inconscientemente, a ouvinte passará a acreditar que, caso não cumpra a promessa firmada juntamente do padre, ela estará não somente o decepcionando, como também todos aqueles que ouvirem seu apelo.

É assim que chegamos então nas colocações de Reginaldo Manzotti ao fim do relato da ouvinte. Impulso, freio e necessidades sexuais, esses são alguns dos termos usados pelo padre para caracterizar a realidade narrada pela filha de Deus. Ao iniciar o seu conselho, um dos principais pontos evocados por Manzotti para fazer com que a ouvinte suporte a tentação da traição, é que ela pense mais no marido e no filho. O ato, ainda que compreensível tendo em vista que uma traição poderia comprometer a relação familiar da ouvinte, é bastante emblemático ao pararmos para analisar os milhares de contextos sociais e históricos em que as mulheres tiveram sua tarefa de servir como boas mães e esposas reforçados em sociedade. Como bem disse Simone de Beauvoir, a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. Assim sendo, a mulher, desde que a sociedade se estabeleceu, foi condicionada a abrir mão de suas próprias necessidades para que a família pudesse alcançar seus objetivos e isso muito estimulado não só pela religião mas por toda comunidade.

Logo, na oração de Reginaldo, quando ele diz junto da ouvinte para que ela seja abençoada por Deus como uma boa mãe e boa esposa, o padre mais uma vez reforça papéis de que as mulheres são condicionadas a colocá-los como supremos em sua existência. Enquanto o homem pode ter anseios particulares mesmo estando em uma família, e o seu principal papel não necessariamente precisa ser o de pai ou marido, para as mulheres nada às resta perante a sociedade senão o casamento e a maternidade. Ainda que estas sejam referência na ciência, engenharia, computação ou qualquer outra área de interesse, para o mundo sempre existirá nessas mulheres o vazio que só pode ser ocupado por um marido e um filho. Assim diz Rousseau (ROUSSEAU apud PERROT, 2006, p. 92): "Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância".

O vínculo com uma religião, em geral, não significa só acreditar em ideias, mas levar um modo de vida pautado nelas. Quando alguém, em nome de sua fé, adota um estilo de vida, traz voluntária ou involuntariamente essa questão para o espaço público – afinal, a escolha de um modo de vida é também a escolha a respeito de como será a atitude em relação às outras pessoas. (Martino, 2010, p.58)

Logo, ainda que a fala do padre reforce questões problemáticas do ser mulher em sociedade, não se pode ignorar que, enquanto uma mulher católica, praticante e que confia nos conselhos de Reginaldo Manzotti, a ouvinte ainda firmou um compromisso durante o matrimônio com o marido. Compromisso este que condena atos como a traição.

4.4 Eliane

No interior de Medianeira (PR) mora Eliane, uma ouvinte de origem conturbada mas que conseguiu dar a volta por cima. Em seu relato, Eliane relembra ter nascido em uma casa com um ambiente difícil, onde o pai a abandonou junto da mãe. Em meio às dificuldades a mãe da ouvinte então passou a fazer o uso de drogas.

Foi nesse cenário então que a ouvinte cresceu. Ela conta que certa vez a mãe chegou a abrigar um tio e que ele acabou se aproveitando da situação para abusar sexualmente dela aos 8 anos de idade. A vida se tornara ainda mais difícil quando, devido a dívidas de drogas e bebidas, a mãe de Eliane foi apedrejada até a morte. Aos 19 anos, Eliane se viu diante da primeira gravidez, entrou no mundo das drogas e apresentou uma sequência de abortos. Anos depois, a ouvinte conta que teve que passar por um tratamento para se ver livre dos entorpecentes, voltou a estudar e teve uma filha que ela diz ser a sua benção.

Eliane conta que cursou o técnico em enfermagem junto da irmã e que hoje trabalha como cuidadora de idosos. Para ela, cuidar da terceira idade é ter a certeza de que alguém irá também cuidar dela no futuro. Aos 33 anos reencontrou o pai biológico, o perdoou e faz questão de dizer “Seu José, eu te amo. O passado ficou no passado”. Por fim, o padre diz que admira a ouvinte por ela ter conseguido reverter a situação, por mesmo quando o mundo poderia a transformar em uma pessoa ruim, pela graça de Deus ela reverteu isso. Reginaldo Manzotti ainda dá um livro de sua autoria para a ouvinte e uma imagem das santas chagas de Jesus.

Assim como está explícito em uma fala de Stuart Hall no início deste capítulo, as identidades são o ponto de encontro entre conjuntos sociais e culturais que nos levam a ocupar nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares. Iniciar esta análise reforçando a definição é importante para que esteja claro como as práticas que poderiam levar a ouvinte Eliane para o seu lugar de sujeito no mundo estava constantemente transpassado pelas influências negativas geradas pelas ações de seus próprios pais.

As interações do indivíduo com o ambiente que o cerca são ligadas às representações que cada um faz desse ambiente: a própria noção de “realidade” está ligada à

percepção/interpretação dos signos responsáveis por constituir as representações que tomam forma na mente humana, ligando representação e significado na constituição da compreensão da realidade (Martino, 2010, p.104).

Tendo em vista as colocações de Martino e Hall, podemos considerar que ao dizer que sua infância foi marcada por uma casa conturbada onde foi abandonada pelo pai e a mãe se tornou usuária de drogas, Eliane estaria potencialmente fadada a uma realidade corresponde àquela que era oferecida pela sua família. O relato da ouvinte ainda se torna ainda mais delicado quando ela relata ter sido estuprada aos 8 anos de idade pelo próprio tio que foi colocado em casa pela mãe em uma tentativa de ajudá-lo.

Assim, a própria fala de Eliane reforça a situação de vida na qual ela estava cada vez mais envolta e tendencialmente a repetir por exemplo a situação na qual a mãe passava com as drogas. O fato é que a série de traumas da ouvinte de fato a levaram a se tornar uma dependente química aos 19 anos, principalmente depois de ter tido a mãe assassinada devido ao vício que a fez ser apedrejada por dívidas de drogas.

O tempo todo, das maneiras mais diversas, estamos reconstruindo a realidade como um discurso. Essa realidade do discurso, isto é, o real transplantado para um outro nível de apropriação cognitiva, é compartilhada pela comunidade de um tempo e um espaço constituindo o tecido narrativo, simbólico e imaginário de um grupo. (Martino, 2010, p. 26).

Portanto, o contexto em que Eliane estava inserida reforçava uma autoconstrução de sua própria realidade que fosse o mais semelhante com aquela que era compartilhada pela comunidade na qual ela estava inserida e, conseqüentemente, pelos valores socioculturais compartilhados pelas pessoas que estavam à sua volta. Ademais, é importante dizer que crescer em um lar disfuncional não é um determinante para o que o indivíduo será ou não em sua vida, contudo, pode ser um impulsionador tendo em vista os estudos culturais.

Adiante, em sua fala, a ouvinte conta que conseguiu interromper o uso de drogas e ainda passou a cursar o ensino técnico em enfermagem junto da irmã. Aqui não fica explícito se a religião e a fé tiveram um impacto na recuperação de Eliane, contudo, tendo em vista a maneira como ela se apresenta para o padre como alguém que regularmente acompanha o programa de Reginaldo Manzotti e segue os ensinamentos do catolicismo, podemos considerar que a religião não é algo recente em sua vida e que, de uma maneira ou de outra, provavelmente esteve presente em seu cotidiano de algum modo.

Isso é comprovado quando a ouvinte conta que aos 33 anos reencontrou o seu pai biológico que a havia abandonado na infância e decidiu o perdoar pelas coisas do passado, porque, segundo ela, assim como está na bíblia “deve-se honrar pai e mãe”. Nesse aspecto

é interessante observar que mesmo em casos de dores profundas e que podem deixar cicatrizes eternas nas pessoas, aqueles que tem fé encontram de certa maneira maior facilidade em praticar o perdão, levando como base os ensinamentos bíblicos, como aconteceu com Eliane.

Compreendemos então que não somente os ensinamentos bíblicos mas também as dinâmicas narradas no programa “Experiência de Deus” contribuem para os contextos sociais na qual os ouvintes como Eliane estão inseridos, estimulando suas ações cotidianas e propondo a manutenção de seus laços pessoais que são constantemente colocados como pontos importantes da fé cristão, sendo observado inclusive na figura da “sagrada família” como acontece na bíblia.

Portanto, é pertinente quando o padre diz que mesmo apesar das adversidades, a ouvinte conseguiu transformar a sua própria realidade, escolhendo um caminho narrado pela fé e sem se manter às amarras de um passado conturbado. Ainda assim, o fato que não pode ser ignorado é que apesar da fé, as mulheres são historicamente ensinadas a perdoar os seus agressores, criando muitas vezes suas próprias narrativas que corroborem, ainda que falsamente, para um cenário em que essas pessoas na verdade não tivessem a real a intenção de ferí-las. Afinal, ainda que colocadas em uma posição subordinada, refém à família e que talvez as cause indignação, muitas mulheres não conseguem se ver fora dessas dinâmicas uma vez que, assim como acontece com Eliane, seus agressores faziam parte de sua própria família, o que torna sua emancipação ainda mais difícil.

Aqui, a religião muito mais do que incentivar o perdão, ela acolhe as dores dos seus fiéis e os fazem acreditar em uma justiça divina que está fora de seu alcance, promovendo, ainda que superficialmente, o sentimento de aceitação para essas pessoas que por tantas vezes possam terem ocupado o papel de vítimas em sua própria casa ou outros cenários sociais.

4.5 Oclaíde

A ouvinte que parece ter o poder de voltar no tempo, narra com uma riqueza de detalhes como foi a sua infância. Oclaíde começa dizendo que sua mãe passou 27 anos apanhando de seu pai, até que em 1978, quando a ouvinte tinha apenas 9 anos, a mãe decidiu sair do casamento e dar um fim na rotina violenta que tinha em casa. No dia que a mãe de Oclaíde estava decidida a ir embora, o marido não foi trabalhar devido a uma dor nas costas. Contudo, momentos depois ele teve uma melhora e resolveu ir, deixando um recado para o filho mais velho dizendo que caso sua mãe saísse de casa e ele não o contasse que ele iria matá-lo. E assim aconteceu, a mãe da ouvinte disse que iria para a

casa da avó das crianças e pediu para que o filho então só contasse para o pai quando ele não a visse mais.

Quando o menino já não conseguia mais enxergar a mãe, ele foi até o trabalho do pai e disse o que estava acontecendo. Muito nervoso, o homem saiu correndo com um foice atrás da esposa. Ao ver a cena, Oclaíde gritou para que o pai jogasse a foice para ela e, por “um milagre de Deus” como ela define, ele ouviu o seu pedido e deixou o objeto para trás. Mesmo assim, o pai da ouvinte conseguiu alcançar a mulher, a deu um soco no olho e começou a golpeá-la na cabeça com um pedaço de madeira até que ela ficasse desacordada. Em seguida, pensando que a esposa já estivesse morta, ele jogou o seu corpo em um punhado de espinhos. Após isso, ele voltou para casa e disse para Oclaíde que agora que ele havia matado a mãe dela, ele iria tirar a própria vida.

E assim o fez, a ouvinte conta que o pai caminhou por cerca de 50 metros e deu um tiro na própria cabeça com uma espingarda. O que ele não imaginava era que a esposa havia sido socorrida por vizinhos e estava viva. Quatro meses depois, após ter ficado internada por todo esse tempo, a mãe de Oclaíde estava bem, sem sequelas e pôde ter uma vida tranquila junto dos filhos até falecer de velhice aos 84 anos. O relato da ouvinte, porém, ainda continua. Ela diz que o irmão mais velho se casou e foi morar em Araçatuba (SP), contudo, devido às situações vividas ele acabou desenvolvendo depressão. Conforme a situação piorava, o casamento do irmão de Oclaíde chegou ao fim e, por não aceitar, ele decidiu tirar a própria vida se enforcando.

Quando soube da situação, Oclaíde conta que se pôs de joelhos em oração, ela pedia para que as santas chagas de Jesus impedisse que outro suicídio acontecesse em sua família. Foi então que a ouvinte diz ter vivido o segundo milagre em sua vida. Após ser encontrado desacordado e levado para o hospital, o irmão de Oclaíde acordou de madrugada e sem sequelas. Os médicos ainda contaram que não sabiam como o fato seria possível já que ele não tinha nenhum tipo de lesão inclusive no pescoço, onde a corda estava amarrada. Por fim, o irmão de Oclaíde se recuperou e voltou para o casamento.

Em um mundo onde os homens acreditam serem os criadores de todo o universo palpável que está ao seu redor, muitos agem e reforçam sua posição no mundo de maneira violenta contra tudo aquilo que eles consideram de menor valor, ou de menor importância e até àquilo que se recusa a ser ou agir como sua vontade exige. No relato de Oclaíde, assim como ocorre em inúmeros lares brasileiros, a violência contra as mulheres é uma realidade cotidiana, não atoa os números de feminicídios no país atingem dados tão alarmantes.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 72,8% dos casos reportados pelas mulheres de violência física se deram em suas residências. O número que choca, há anos demarca uma relação violenta entre homem e mulher que ultrapassa o tempo e inclusive o estado das coisas. Em seu livro “Banheiro

Okotó”, Eliane Brum exemplifica bem como funciona a exploração feminina ao remontar que o mesmo acontece com a floresta amazônica, afinal, assim como é dito pela jornalista, a Amazônia só é explorada até a exaustão porque ela é mulher.

Ainda que o feminino tenha encontrado brechas para se unir em grupos como aconteceu com as Beguinhas, muitas mulheres como a mãe de Oclaíde passaram décadas reféns de um lar abusivo. Se erguessem a voz essas mulheres eram respondidas com agressões, se não fizessem alguma tarefa recebiam mais violência, se sequer demonstrassem qualquer mínimo de vontade individual, a resposta era uma só: mais agressões.

Além de criar um ser podado ao extremo, a violência se torna ainda mais humilhante quando é cometida diante dos filhos como aconteceu com a mãe da ouvinte. Criadas desde cedo para serem boas mães, ser submetida a tamanha violência diante de um filho é simbolicamente semelhante a ter essa missão falha. Falha não somente por se dar conta de que o matrimônio talvez idealizado tenha chegado a tamanho abuso, mas também falho por essas mulheres muitas vezes acreditarem que não tem força para promover um lar acolhedor a esses filhos. Logo, assim como é exposto por Beauvoir, encontra-se esse círculo vicioso em todas as circunstâncias análogas: quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior.

Quando já estão sugadas ao extremo, cansadas de serem usadas como o balde que recolhe todas as misérias de seus maridos, amantes, padrastos, tios, pais e tantos homens que as deterioram em situações violentas, as mulheres não vêem outra saída senão o abandono do próprio lar. É como se elas comprassem a sua própria alforria com aquilo que tem de mais precioso e, ainda assim, talvez não sejam de fato livres quando os seus senhores têm raiva o bastante para persegui-las.

Como ocorreu como a mãe da ouvinte, apenas após 27 anos, refém de um lar abusivo que ela tomou coragem o suficiente para sair de casa, o preço porém seria deixar os filhos para trás. Ainda quando ela estava decidida, o marido passou a ameaçar o filho mais velho, como forma de também punir a mulher por suas ações. Quando nem isso foi o suficiente para mantê-la junto dele, o homem tentou matá-la e só parou quando acreditou que havia o feito.

“Elas foram maciçamente presas e queimadas. Estima-se em cem mil o número das vítimas, sendo 90% de mulheres”. Assim como Michelle Perrot diz em seu livro “A Minha História das Mulheres”, ainda que o fogo não seja mais usado para matar milhares de mulheres como ocorreu na antiguidade, a caça às bruxas ainda acontece em sociedade diariamente. Nos jornais estão estampados casos diversos em que mulheres são mortas pelos motivos mais banais. No dia 25 de agosto de 2024, um homem matou a companheira na frente da filha de 4 anos em Patos de Minas, no Alto Paranaíba, e postou fotos do corpo

da mulher, já sem vida, nas redes sociais. Em seu depoimento, o homem afirmou ainda que cometeu o crime porque desconfiava da fidelidade da companheira. Como se não fosse o bastante, todo o crime aconteceu na frente da filha do casal que foi encontrada aos prantos por vizinhos.

As histórias são várias, e todos os dias ganham novos fios na sua colcha de retalhos formados pelo sangue de suas vítimas. No caso de Oclaíde, ainda que a mãe tenha sobrevivido, um imenso peso permaneceu com o irmão da ouvinte por tantos anos a ponto de que ele desenvolvesse uma depressão na vida adulta. Isso acontece em muitos casos de violência doméstica, onde as crianças se tornam ansiosas, depressivas ou também violentas de acordo com o cenário que convivem em suas residências.

Esse discurso sobre nós mesmos não foi formado dia para noite. É o resultado das nossas experiências significativas transformadas em parte da nossa memória. Determinar uma identidade está ligada a maneira como se explica o mundo, aos critérios que cada pessoa usa para definir as situações e as pessoas, isto é, as narrativas que se constrói a respeito da realidade. (Martino, 2010, p.7)

Portanto, os preceitos sobre si formados na infância são levados por toda a vida e impactam ainda que muitos anos após o fato traumático ocorrido. Talvez, ainda que não tenha sido sua culpa, o irmão de Oclaíde tenha se sentido responsável pelas agressões sofridas pela mãe e pelo suicídio do pai. Do mesmo modo, ao interpretar fatos traumáticos da vida com certos momentos de milagre, a ouvinte revela como a religião é, muitas vezes, usada de amparo para as dores mais profundas de seus fieis e contribuem, inclusive, para que essas pessoas consigam conviver com os seus traumas passados.

Aqui, assim como é citado em sua obra “Memória, Esquecimento, Silêncio” de Michael Pollak, a memória e o esquecimento estão em constante polarização na vida dos seres humanos. Ao remontar a realidade dura vivida na infância e a tentativa de suicídio do irmão, Oclaíde não apenas relembra um fato de sua vida, mas ao recuperar tal memória, ela também a revive, sente novamente as dores de um momento que passou e talvez ali, junto do padre Reginaldo Manzotti, tenha quebrado um silêncio que perdurou pelas décadas. Afinal, ainda que o silêncio seja muitas vezes terapêutico em casos traumáticos como diz Pollak (1986), a fala também pode ser em outros, onde por meio do desabafo consegue externar para o mundo não somente suas memórias mas também estancar dores que talvez sejam tão profundas que nem o tempo pôde curar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já que memória e esquecimento são dois lados de uma mesma moeda (Pollak, 1986), eu inicio o fim desta pesquisa relembando o contexto em que ela partiu. Enquanto um homem que cresceu em um lar majoritariamente católico e feminino, desde a infância, questiono inúmeras movimentações da minha própria casa. Assim como as ouvintes aqui apresentadas por meio do programa “Experiência de Deus”, incontáveis vezes pude ver mulheres diante de um rádio orando junto ao padre Reginaldo Manzotti. A figura emblemática de um homem que jamais esteve em um matrimônio ou que nunca pôde experimentar como é ser pai ou mãe, dizendo às suas ouvintes tão distantes de sua realidade sobre o que elas deveriam fazer e como lidar com os seus problemas é, no mínimo, curiosa.

Reginaldo, um homem vivido no auge dos seus 55 anos, é direto e enfático em suas colocações e, por meio da fé, guia seus fieis/fãs a agirem não somente de acordo com os ensinamentos católicos, mas também aos seus próprios preceitos do que é certo ou errado. Aqui, podemos lembrar por exemplo quando ele orienta Paula a largar o seu casamento e, sem qualquer pudor, a questiona sobre sua vida sexual com o marido. O fato é que Manzotti entendeu a lógica que embaralha as dinâmicas entre mídia e religião. Mesmo sendo uma figura sacra ele também entretém, influencia comportamentos e usa de sua imagem não somente para divulgar a fé católica, mas também para promover os seus próprios produtos como livros, cds e dvds.

Concluimos, então, que mídia e religião há tempos andam juntas, e que essa união conforma o que escolhi chamar de “entretenimento religioso”, usando de conceitos de programas já conhecidos pelo público, como acontece com o programa “Casos de Família” (SBT, 2004-2023), transpostos em um cenário católico, por exemplo. O resultado é o “Experiência de Deus”, onde ainda que seja um espaço mínimo cedido aos relatos dos seus ouvintes, podemos identificar que estes são os trechos mais compartilhados e que mais reverberam nas mídias sociais, convidando não somente o público a se unir pela fé mas também pela curiosidade inata de querer saber como o outro lida com os dilemas de sua realidade.

É fato, portanto, que identidade e religião também caminham juntas. Por meio da análise de seis trechos do programa “Experiência de Deus”, pudemos perceber como as crenças e a religiosidade influenciam as mais variadas tomadas de decisão na vida das fieis. Pudemos vislumbrar a dinâmica, de certo modo, excêntrica proposta por Manzotti em seu confessionário público, que só está sempre lotado porque um dia a fé, neste caso o catolicismo, foi implementado e internalizado não somente pelas mulheres que aqui pudemos enfatizar, mas para todas as pessoas que se sentem envolvidas pela religião.

Assim, observamos que para além das vivências de fé, que poderiam envolver modos de orar, de ler a Bíblia ou qual santo pôr em destaque em sua residência, muitos fieis, como acontece com o programa aqui analisado, transpassam os conceitos religiosos para os mais variados aspectos de suas vidas, dialogando com dinâmicas sociais, relacionamentos, tomadas de decisão, formas de ver o mundo e, inclusive, transitar entre o lembrar e o esquecer.

Então, em um mundo onde a religião ultrapassa as barreiras dos templos, programas como o “Experiência de Deus” conectam vozes, experiências, vontades e necessidades de falar ou de se fazer ouvir. Enquanto um ser naturalmente social, o ser humano aprende com as experiências do outro e por isso se mostra curioso por aquilo que o outro pode dizer sobre si mesmo. Logo, para além da fé, o programa de Manzotti fornece um arcabouço diário de relatos e vivências que chegam aos mais variados pontos do globo, que só são possibilitados pelo rádio (e suas extensões digitais) e que ainda pode ser consumido nos momentos mais diversos do dia, sem a necessidade de que haja uma atenção plena ou uma longa dedicação de tempo para o consumo.

Por fim, compreendemos que marcadas por uma longa colcha de retalhos de valores morais que ultrapassam o tempo, ao passo que ajudam a conformar formas preferenciais e outras tantas resistências do viver, parte das mulheres usam programas como o “Experiência de Deus” como um parâmetro de regulação e um local seguro para compartilhar seus anseios, angústias e incertezas. De modo que veem no confessionário público de Manzotti um espaço digno não só para as mulheres, mas para todos que compartilham a mesma fé. Ensinadas desde cedo a se manterem em seu universo feminino, colocadas como o outro, o não-homem, e tantas outras formas de subjugação, essas mulheres que encontraram na religião um acalento de suas dores, percebem ainda como o programa do padre pode acolher suas angústias de maneira que consideram justa e, muitas vezes sem julgamento.

Contudo, ainda que eficaz em sua proposta, também não se pode ignorar como diversas vezes o “ser mulher” é colocado em xeque no “Experiência de Deus”, como acontece com a ouvinte chamada de “filha de Deus” e que é aconselhada pelo padre não só a deixar seus desejos de lado, mas que é colocada sobre ela o peso de ser uma boa mãe e esposa para a família que ela construiu. O “ser mulher”, portanto, encontra maneiras ao longo dos anos de sobreviver às misérias, preconceitos e violências sociais. Usando de instrumentos como a fé, muitas vezes, elas buscam serem mais respeitadas em sociedade enquanto “mulheres de fé”, para assim poderem exercer algumas tarefas de influência que, muitas vezes, as são negadas no cotidiano. Parecem acenar para a certeza de que, ainda que possam ser alvo de críticas propostas pela religiosidade, o espaço sacro também pode ser mais acolhedor e seguro para as mulheres do que diversos outros.

Contudo, esse espaço alcançado não é visto ainda hoje como um direito dessas mulheres, mas, sim uma concessão, que pode ser retirada, caso elas não performem práticas e valores esperados. Um exemplo disso pode ser observado quando em 2015, quando o Papa Francisco concedeu o perdão às mulheres que realizaram o aborto. O ato, ainda que importante, é descrito pelo líder religioso como “um perdão de Deus que não pode ser negado a todo aquele que se arrepende” e “muitas delas têm uma cicatriz no coração por essa escolha sofrida e dolorosa” (El País, 2015).

As mulheres, portanto, estão longe de serem entendidas como protagonistas de sua própria história, ainda que tenham alcançado diversos pontos de emancipação em sociedade, elas são vistas por grande parte dos homens como uma concessão permitida por eles, como se eles ainda hoje determinam o futuro do “ser mulher” e, principalmente, o que é ou não permitido aos seus corpos. Essa lógica hierárquica proposta por parte das religiões são assim então transmitidas pelas mídias, chegam até os lares dessas mulheres e, mesmo que com sua permissão, inconscientemente podem atuar como fertilizante e agrotóxico. Cabe, assim, que novas pesquisas continuem a analisar as relações que se moldam entre mídia e religião, pensando criticamente suas aberturas, silenciamentos e potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Bryan turner

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil**. [S. l.]: Portal ABEL, [s. d.]. Disponível em: <https://portalabel.org.br/images/pdfs/carta-pero-vaz.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CARIOCA. Rio de Janeiro: A noite, 30 jan. 1937.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teórica e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **El trabajo de la representación**. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: Silva, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis,RJ: Vozes, 2014.

KEANE, Webb. (1997), “**Religious Language**”. Annual Review of Anthropology, 26: 47-71.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da portabilidade: novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatório Journal**, [s. l], v. 3, n. 1, p. 223-238, ago. 2009.

MARIA, Ruben Ferreira. **Evangelização ou mercantilização da fé**: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia. (Dissertação) de mestrado. São Leopoldo, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Secularizacion, desencanto y reencantamiento massmediático**. Dialogos de la comunicación, n. 41, p. 71-81, mar. 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Uma aventura epistemológica**. Matrizes, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e Identidade: Quem Você Pensa que é?** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

NEIVA, Renata. **Pedagogias da beleza: as páginas femininas do Correio da Manhã**. Uberlândia: EDUFU, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-65-5824-003-7>.

ORDÁZ, Pablo. **Papa Francisco concede perdão às mulheres que fizeram aborto**. *El País Brasil*, 1 set. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/01/internacional/1441101469_484368.html. Acesso em: 18 abr. 2025.

PALMER, Helen. A gordura e a formosura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 set. 1960a. 2º caderno, p.5.

PALMER, Helen. A necessidade da dieta. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1960b. 2º caderno, p.5.

PALMER, Helen. Gordura... êsse fantasma. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1960c. 2º caderno. Correio feminino. Feira de utilidades, p.5.

PALMER, Helen. Cores apropriadas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 abr. 1960d. Correio feminino, p.5.

PALMER, Helen. Vaidade. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 maio. 1960e. 2º caderno, p.5.

PALMER, Helen. Cirurgia plástica. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 abr. 1960f. 2º caderno. Correio feminino. Feira de utilidades, p.5.

PALMER, Helen. Beleza dura mais tempo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 set. 1960g. 2º caderno. Correio feminino, p.5.

PELLEGRINI, Marcelo. Rádio e TV no Brasil: uma terra sem lei. **Carta Capital Online**, São Paulo, 10 nov. 2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/radio-e-tv-no-brasil-uma-terra-sem-lei-8055.html>. Acesso em 10 de nov. 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio.**” In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

PRODUTOS QUE EVANGELIZAM. **Fita do Senhor do Bonfim – Santas Chagas.** Disponível em: <https://www.produtosqueevangelizam.com.br/fita-bonfim-santas-chagas/p?srsId=AfmBOooBJj4pQZSmb7XFt5SF5qneNyaApHyi1jV1h-wHfk9hUqbS5oEn>. Acesso em: 18 abr. 2025.

STOLOW, Jeremy. (2005), “**Religion and/as Media**”. *Theory, Culture and Society*, 22(4):119-145.

WILLIAMS, Raymond. **A ideia de cultura.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
